

NAYRA CLAUDINNE GUEDES MENEZES COLOMBO

**CORPOS NEGROS X FALAS BRANCAS: AS
REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA
LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA**

Dissertação apresentada à universidade Federal do Acre,
Programa de Mestrado em Letras - Linguagem e
Identidade, como exigência parcial para obtenção do título
de Mestre em Letras – Linguagem e Identidade, Rio
Branco, 2008.

Orientador: Professor Doutor Gerson Rodrigues de
Albuquerque (UFAC).

RIO BRANCO

Universidade Federal do Acre

Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

© COLOMBO, N. C. G. M. 2009.

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Acre

C718c COLOMBO, Nayra Claudinne Guedes Menezes. **Corpos negros x falas brancas:** as representações do negro na literatura de expressão Amazônica. 2009. 91f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Acre, Rio Branco – Acre, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque

1. Literatura, 2. História, 3. Negros, 4. Amazônia, I. Título

CDU 572.96

NAYRA CLAUDINNE GUEDES MENEZES COLOMBO

**CORPOS NEGROS X FALAS BRANCAS: AS REPRESENTAÇÕES
DO NEGRO NA LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA.**

Dissertação apresentada à universidade Federal do Acre,
Programa de Mestrado em Letras - Linguagem e
Identidade, como exigência parcial para obtenção do título
de Mestre em Letras – Linguagem e Identidade, Rio
Branco, 2008.

Orientador: Professor Doutor Gerson Rodrigues de
Albuquerque (UFAC).

04 de novembro de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque
Universidade Federal do Acre

Prof^ª. Dr. Simone Souza Lima
Universidade Federal do Acre

Prof. Dr. Airton Chaves da Rocha
Universidade Federal do Acre

Rio Branco - Acre

A minha família amada que
sempre me incentivou e construiu
comigo o que sou hoje.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo, lindo, lindo, lindo...

Ao meu esposo amado, Aldo Colombo Júnior, por ter estado ao meu lado com o olhar de quem sabe o que penso e o que sinto e por ter me amado sempre, especialmente quando, em crises acompanhadas de madrugadas em claro, eu achava que não ia conseguir. Amo você.

A minha mãe e ao meu pai, que torceram por mim, se alegraram, se aborreceram com meus momentos de estresse, mas acima de tudo, me apoiaram sempre e se dispuseram a abrir mão de muitas coisas por mim.

A minha irmã Kelce Nayra, companheira de mestrado, que embarcou nessa odisséia e conhece os prazeres e as agruras dessa caminhada.

Ao meu irmão Henry Claudie, que tem um coração que bate no mesmo compasso que o meu em qualquer ocasião e que conhece bem o significado da palavra amor.

As minhas amigas Eleni Melo e Tatiane Castro, amadas, que sofreram, choraram, riram, viajaram e vibraram comigo em todos os momentos e, acima de tudo, demonstraram uma amizade incondicional e verdadeira.

Às amigas Glória e Kellen, queridas, que dividiram comigo os dilemas teóricos que insistiam em nos acompanhar e que eram esquecidos por alguns momentos com muito sorvete e sorrisos.

À Queila, minha flor, que trouxe de Cruzeiro do Sul doces palavras, mas que sabia como ninguém exalar um lindo silêncio acompanhado de um providencial abraço.

Aos demais colegas de curso: Alzenir, Simone, André, Reginâmio, Sergio, Iza, Iracilda, Eduardo, Francielle, Adriana, Eliomar, Jairo, Alessandra e Vera, alguns mais presentes que outros, mas todos juntos em um mesmo objetivo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque, que me ensinou muito mais do que eu poderia imaginar e que, com a autenticidade que apenas ele possui, conseguiu ser firme nas horas certas. Minha reverência e gratidão pelo profissional que és.

Aos demais professores doutores do MEL, pela dedicação e sabedoria compartilhadas.

Aos colegas da FAAO, por terem me dado uma “mãozinha” quando o dia se tornava curto demais.

Aos amados colegas de trabalho da escola, que nessa etapa final revigoraram minhas forças. Grande Calafate!

Aos alunos queridos, por tantas vezes haverem exercitado suas habilidades interpretando meu olhar, minha fisionomia, mandando torpedos de incentivo. Os abraços foram providenciais.

Àqueles que disseram palavras de fracasso e derrota. Tudo valeu à pena!

Bem-aventurado o homem que acha
sabedoria, e o homem que adquire
conhecimento.

Provérbios 3:13

CORPOS NEGROS X FALAS BRANCAS: as representações do negro na literatura de expressão amazônica.

Nayra Claudinne Guedes Menezes Colombo*

RESUMO - Este trabalho concentra-se na análise de três obras literárias que tratam de assuntos de expressão amazônica, *A Selva*, de Ferreira de Castro, *Terra Caída*, de José Potyguara e *Seringal*, de Miguel Jeronimo Ferrante. Tal análise objetiva perceber de que modo os referidos autores versam sobre a presença dos negros em suas obras a partir de suas histórias de vida e de suas concepções de mundo. Inicialmente, percebemos que há um limite muito pequeno entre os textos literários e a história, uma vez que ambos têm na realidade sua maior referência. Em consequência, observamos que a história de vida dos autores dos romances estudados é de fundamental importância para nossa compreensão a respeito do discurso que eles construíram sobre seus personagens negros. Esse discurso presente em seus textos ultrapassa a simples constatação e passa a ser estereotipado e marcador de posições. O que se pode ver na história oficial é que o negro é silenciado e tolhido em contrapartida de uma pequena elite que dominava o dinheiro e o poder. Nas obras estudadas, essa fórmula se repete e os romancistas não fogem à regra da exploração, marginalização e quase escravização dos negros. Além disso, a floresta amazônica, cenário dos romances, é tratada como personagem principal das histórias que giram em torno da exploração do látex e, desse modo, também marginaliza os homens que lá habitam. Assim, pudemos perceber que esses exemplos de literatura, respaldados por elementos históricos e sob o ponto de vista dos escritores, pulverizam a idéia de que o negro é um sujeito desintegrado e que não participa efetivamente das práticas sociais a que teria direito. Porém, consideramos que apesar da insistente adjetivação pejorativa a que os negros dos romances são expostos, eles têm, assim como os demais personagens, condições de participar das relações sociais sem que tenham suas atitudes camufladas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Negros. Amazônia.

* Orientador: Prof. Dr. Gerson Rodrigues Albuquerque – Universidade Federal do Acre

NEGRO BODIES X WHITE SPEAKS: the Black representations in the Amazonian expression literature.

Nayra Claudinne Guedes Menezes Colombo*

ABSTRACT - This work is concentrated in the analysis of three literary works that treat subjects of the Amazonian expression, 'A Selva' by Ferreira de Castro, 'Terra Caída' by José Potyguara and 'Seringal' by Miguel Jeronymo Ferrante. Such analysis aims to perceive in which ways the referred authors talk about the Negroes presence in their works from their life histories and their world conceptions. Initially, we perceived that there is a very small limit between the literary texts and the history, since both have in reality their biggest reference. In consequence, we observed the life history of the romances studied authors has a fundamental importance for our comprehension about the speech they built concerning their Negroes characters. This present speech in their texts surpasses to simple verification and passes it be stereotypical and positions marker. What we can see in the official history is that the Negro is silenced and stunted in compensation of small elite that dominated money and power. In the works studied, this formula is repeated and the novelists do not escape to the rule of the exploitation, marginalization and Negroes almost enslavement. Besides that, the Amazonian forest, the romances setting, is treated as the histories main character, that rotate around the latex exploitation and, of that way, also marginalizes the men that there inhabit. So, we could perceive that those literature examples, backed by historical elements and under the writers' viewpoint, pulverize the idea that the Negro is a disintegrated subject and that does not participate actually of the social practices to that would have right. However, we consider that despite of the insistent depreciative qualification to that the Negroes of the romances are exposed, they have, as well as the others characters, conditions of participating of the social relations without that they have their attitudes camouflaged.

KEYWORDS: Literature. History. Negro. Amazonia.

* Advisor: Teacher Doctor Gerson Rodrigues Albuquerque – Universidade Federal do Acre

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1. NEGROS NA AMAZÔNIA.....	19
2. REPRESENTAÇÕES ESCRITAS SOBRE A AMAZÔNIA E OS NEGROS DE “SERINGAL”.....	32
3. REPRESENTAÇÕES ESCRITAS SOBRE A AMAZÔNIA E OS NEGROS DE “TERRA CAÍDA” E “A SELVA”.....	56
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa reflete sobremaneira nossa trajetória acadêmica junto à Universidade Federal do Acre, inicialmente traçada com o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e hoje em fase de conclusão do Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade. Após a graduação, nosso projeto de Especialização foi o ponto de partida para o mestrado, que não se cumpriu com o mesmo tema por conta de novos caminhos teóricos que foram seguidos.

A partir do cotidiano discente do mestrado, especialmente com as aulas de Literatura, nossas prioridades e “certezas” se “desmancharam no ar”¹ e o projeto inicial passou a não preencher mais nossas expectativas. Essa ruptura apresentou-se no campo simbólico, com as discussões em sala; e no prático, quando com a mudança do tema e enfoque desta pesquisa. Havia muitas expectativas e poucas certezas em relação ao direcionamento que deveríamos tomar, ao caminho que deveríamos percorrer e principalmente, à orientação que precisávamos buscar.

No MAP², em Brasília, as representações em torno do negro surgiram como objeto. E esse foi um momento bastante direcionador especialmente porque nos colocou diante do enfoque necessário e ainda latente que realmente nos motivava: o sujeito. Era o momento de discutir e reordenar as prioridades. Para nós o negro é o sujeito mais objeto que pode existir, um sujeito-objeto, nessa relação estereotipada na qual sempre foi envolvido. A partir desse novo olhar sobre o projeto e dessa revisitada compreensão em torno dos sujeitos e da noção de identidade, ocorreu a mudança.

Mesmo que as dúvidas ainda fossem e continuem sendo muitas, a certeza era somente desenvolver a pesquisa sobre o tema *Corpos negros x falas brancas: as*

¹ Trecho da frase síntese da modernidade proferida por Karl Marx e Friedrich Engels no livro “Manifesto do partido comunista”

² Fórum sócio-ambiental surgido em 1999 formado por Brasil, Peru e Bolívia. Em 2006 ocorreu na cidade de Brasília – Acre.

representações do negro na literatura de expressão amazônica, compreendendo que esse seria um desafio, um novo momento.

O rompimento que ocorreu na pesquisa foi muito importante e, em conjunto com as leituras e discussões em sala de aula, nos fez perceber que as identidades pessoais são fluidas mesmo e que nós não temos certeza de nada, porque falar de identidade implica romper com idéias rígidas e fechadas e colocarmo-nos diante de questionamentos que levem à construção de novos conceitos. Nesse momento as palavras de Mercer encaixam-se perfeitamente quando o autor diz que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.³ Olhar essa heterogeneidade e deslocamento é pensar na construção de outras identidades e no outro compartilhando conosco o que nos serve de referência sem com isso, “reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência”.⁴

Neste trabalho, a Literatura, através da obra de ficção, terá o papel de discutir, em conjunto com as fontes abordadas, como o negro é representado nas considerações dos romancistas que abordam a Amazônia. Como referencial metodológico nos inspiramos nas leituras de Paul Gilroy, Homi K. Bhabha, Edward Said, Edouard Glissant e Stuart Hall. Nosso propósito será dialogar com uma possibilidade identitária em torno dos negros na Amazônia através da análise de sua presença em três romances: *A Selva*, de Ferreira de Castro, *Seringal*, de Miguel Ferrante e *Terra Caída*, de José Potyguara.

A partir disso e pensando a identidade a partir de uma subjetividade e de uma prática que inclui, necessariamente, as noções de tempo e espaço é que procuraremos invocar o sentido dado aos negros pelo texto literário, confrontando-o com a história, já que a literatura reveste-se do papel de tradutora do mundo e das subjetividades presentes nele. Glissant pondera que:

(...) nos dias de hoje, essa é uma das tarefas mais evidentes da literatura, da poesia, da arte, ou seja, a de contribuir, pouco a pouco, para levar as humanidades a admitirem “inconscientemente” que o outro não é o inimigo, que o diferente não me corrói, que se eu me transformo em contato com ele, isso não significa que me diluo nele, etc.⁵

Para o autor, a identidade é algo móvel, que se mistura, que não é fixa nem intolerante e que se desenvolve a partir das nossas relações com o outro e não da exclusão. O outro, no âmbito desta pesquisa, é o negro, que se enquadra na identidade rizoma

³ Mercer, Kobena, Welcome to the jungle, In: *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2005, p. 186

⁴ Glissant, *Introdução a uma poética da diversidade*, 2005, p. 86.

⁵ Glissant, op. cit., 2005, p. 69.

proposta por Glissant e tem seu lugar no mundo. A identidade, para ele, se pauta nas relações de troca que mantemos com os outros e na tolerância que emerge dessas relações, uma vez que podemos nos considerar como parte de todos os outros e os outros como parte de nós. É nesse sentido, através dessa ideia de relação, que olhamos para o negro e buscamos verificar como os romancistas das obras estudadas compreendem a relação dele com o mundo e do mundo com ele.

Glissant defende a idéia das comunidades compósitas, surgidas a partir da crioulação, ou seja, do imprevisível, daquilo que não se tem certeza, de que se transforma em contato com o outro e com suas possíveis verdades, compreendendo que é possível formar uma identidade partindo da continuidade de tais experiências. Ele compreende que esse não é um papel simples, já que é mais fácil não participar dessa imprevisibilidade e continuar a “excluir o outro como participante”:⁶ “como ser si mesmo sem fechar-se ao outro; e como consentir na existência do outro, na existência de todos os outros, sem renunciar a si mesmo?”⁷

Paul Gilroy é outra referência porque situa esta pesquisa na relação com o Atlântico e com o movimento que os negros fizeram em vários séculos dos dois lados deste oceano e que permitiu desconstruir a noção de enraizamento e identidade fixa. Ao contrário, para Gilroy a identidade se constrói a partir das trocas culturais, da interação e da relação, do sendo, do acontecimento. O autor defende em *O Atlântico Negro*⁸

(...) a luta para tornar os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno –, que é para mim a razão primordial para escrever este livro.⁹

Gilroy situa os negros, vítimas da diáspora dos dois lados do Atlântico, como sujeitos que tiveram suas vidas privadas de grande parte de seus bens – família, amigos, casa, respeito, língua – e procura analisar:

as formas culturais estereofônicas, bilíngües ou bifocais originadas pelos – mas não mais propriedade exclusiva dos – negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente mundo atlântico negro.¹⁰

⁶ Glissant, op., cit., 2005, p. 75.

⁷ Glissant, op., cit., 2005, p. 46

⁸ Livro de Paul Gilroy usado nesta pesquisa: *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*.

⁹ Gilroy, *O Atlântico Negro*, 2001, p. 40.

¹⁰ Gilroy, op., cit., 2001, p. 35.

Este enfoque de Gilroy nos leva à reflexão sobre como os negros da Amazônia, retratados pelos romances, se articulam no espaço da floresta a partir de suas crenças, culturas, língua, etnia, herança afro. É importante perceber como essas relações são afirmadas ou negadas dentro da história dos negros e se eles são, ou não, considerados como agentes do processo de construção da sociedade amazônica retratada.

Além disso, essa abordagem nos possibilita compreender como os negros trazidos para a Amazônia participam da vida e das relações consagradas aqui e ainda levantar questões como quem são os negros da Amazônia, como se estabelece o vínculo entre eles e os sujeitos que eles encontraram na floresta, se a literatura amazônica reproduz as imagens estereotipadas em torno do negro, de onde vem a inferioridade dada aos negros pelos não-negros, entre outras problemáticas que são levantadas nesta pesquisa.

Stuart Hall aponta que a identidade se constitui a partir da diferença, compreendendo que ambas são inseparáveis criações sociais e culturais. Para o autor, essas criações sociais e culturais são produzidas a partir da linguagem e na linguagem. “É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais”.¹¹ Embora a linguagem seja instável e mutável – na modalidade fala – podemos considerá-la como um traço identitário já que tem a intenção de revelar características dos sujeitos ao utilizá-la. Como nossa abordagem se coloca através do discurso, Hall se mostra essencial quando discute a “identidade e diferença como performatividade”.¹² Nessa discussão ele pondera que:

O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição (...) para a idéia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação.¹³

Assim, um ato linguístico tem a força de evidenciar, através da repetição, características identitárias latentes em um determinado sujeito, mas que se verbalizaram através de uma lógica social, servindo de exemplo para caracterização de tais traços que, conseqüentemente, são agregados ao sujeito a partir de suas trocas culturais e sociais. A “questão racial”¹⁴ serve de exemplo em Hall quando o autor diz que:

¹¹ Hall, *in* Tomaz Tadeu da Silva, *Identidade e Diferença*, 2000, p. 77.

¹² Termo que remete ao discurso enunciado que causa uma reação em alguém.

¹³ Silva, *op.*, cit., 2000, p. 92.

¹⁴ Embora não esteja no foco central deste trabalho, é importante ressaltar que a “questão racial” é uma engenhosa produção que serviu e serve de instrumento para a manutenção de uma “ordem natural” na dominação branco-negro. Para Aníbal Quijano, a idéia de raça é “uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que, desde então, permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo”. Ver “Colonialidade do Poder,

Quando utilizo a expressão “negrão” para me referir a um homem negro, não estou simplesmente manifestando uma opinião que tem origem plena e exclusiva em minha intenção, em minha consciência ou em minha mente. Ela não é a simples expressão singular e única de minha soberana e livre opinião. Em um certo sentido, estou efetuando uma operação de “recorte e colagem”.¹⁵

Hall nos permite dialogar com as obras literárias estudadas aqui através de uma observação dos discursos performáticos enfatizados por ele. A fala dos narradores dos romances analisados compreende uma série de adjetivações que se encaixam perfeitamente nesse processo e que nos permitirão refletir sobre perguntas como: quem é o “civilizado” e quem é o “selvagem”? Quem é o “vagabundo” e o “trabalhador”? Quem é o “branco” e o “negro”? Quem é o “leal” e o “traidor”? Essas se tornarão, então, as problemáticas centrais deste trabalho.

Dessa forma, Hall nos ajuda a compreender como a linguagem – a fala – tem papel importante na construção da identidade de sujeitos e na localização de tais sujeitos nas relações sociais de poder. Já que a identidade se constrói nas práticas sociais ela está sujeita às relações de poder impostas nestas práticas. Para Hall “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”.¹⁶ Isso já pressupõe a noção de “normal” ou “anormal” dentro de uma prática social. É o que procuramos observar nos romances: como a linguagem situa e procura “naturalizar” os negros em suas relações na sociedade amazônica.

Edward Said é outro autor que nos serve de referência a partir do momento em que nos leva a refletir sobre a importância do texto literário, do romance, na construção de uma possível realidade e sobre a maneira que podemos encarar tais obras como colaboradoras para a construção de uma sociedade. O romance, para Said, surge em um determinado contexto embebido das predileções de seus autores ao exporem seus pontos de vista a respeito da realidade. Said é um autor que escreve olhando para um mundo imperialista em que a narrativa e sua relação com o espaço social são marcadas por uma lógica específica, que não deixa de servir de referência para a literatura de expressão amazônica já que o olhar sobre a Amazônia também, na maioria das vezes, se constituiu sob a ótica colonizadora e burguesa e as noções imperialistas que, principalmente, a partir do século XIX passaram a predominar. Ele aponta que:

Eurocentrismo e América Latina”, In: LEHER, Roberto & Setúbal Mariana (Orgs.). Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: diálogos para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005.

¹⁵ Hall, op., cit., 2005, p. 95

¹⁶ Silva, op., cit., 2000, p. 82

Devemos, pois, ler os grandes textos canônicos, e talvez também todo o arquivo da cultura européia e americana pré-moderna, esforçando-nos por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado em tais obras.¹⁷

Dessa forma, verificaremos se os textos literários podem revelar, mas também esconder ou tentar esconder marcas de uma convicção vigente, ou seja, é preciso olhar o que está por trás dos discursos e observar o que realmente é de interesse ser revelado. Muitas vezes, um autor tenta camuflar suas reais ideias por trás de meras citações, de ausências, de falsas experiências e tantos outros artifícios que podem enganar até o mais atento leitor.

Um romance, como importante meio de representação e propagação da “realidade”, não deve ser “um conjunto de escolhas feitas por um autor, muito menos complicadas e misturadas do que a realidade”.¹⁸ Apesar de partirem de um sujeito, os romances retratam as vozes de uma sociedade já que seu autor retira dela as situações que os nutrem. Ler um texto, para Said, nos possibilita perceber de que lugar parte o discurso e qual o modelo político adotado por seu autor, dando-nos a sensação de poder construir um panorama social da época a partir daquilo que está sendo retratado no texto. Dessa forma, as relações de poder de uma sociedade são facilmente expostas em um romance se percebermos como estão sendo situados os sujeitos que o compõem e de que modo, sob que ótica, os discursos são pronunciados.

Percebe-se a partir de Said, que os discursos de alguns romances situam posições e moldam as noções de “margem” e “centro”, ou seja, reforçam a ideia imperialista de que “a própria representação tem se caracterizado no papel de manter o subordinado como subordinado, o inferior como inferior”.¹⁹ Perceber posições dentro dos romances é, antes de qualquer coisa, verificar que sujeitos proferem quais discursos e a partir de quais ideais eles são colocados, tornando-se esse um dos objetivos desta pesquisa.

Homi K. Bhabha aponta uma direção considerável em relação à imagem que é criada dos negros. A imagem de preconceito que eles sofrem é um mecanismo dos não-negros para excluí-los das relações das classes sociais mais privilegiadas. Apesar de o negro tentar ser desarticulado na sociedade em que vive, sua imagem é recorrente em

¹⁷ Said, *Cultura e Imperialismo*, 1995, p. 104.

¹⁸ Said, op., cit., 1995, p. 106.

¹⁹ Said, op., cit., 1995, p. 120.

temas como religião, culinária, cultura, entre outros, especialmente no Brasil. Portanto, Bhabha nos diz que:

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.²⁰

O negro além de ser humilhado por uma característica física, é usado como fonte de trabalho forçado e gratuito para atender aos interesses dos que o discriminam. É uma dupla função nessa relação de poder, já que ao mesmo tempo em que preserva sua posição de “outro”, serve como alavanca para os interesses imperialistas. Para Bhabha é precipitado considerar, em nosso caso, o negro citado nos romances como os que realmente fizeram parte da região amazônica no espaço e tempo das narrativas uma vez que:

(...) a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem.²¹

Considerando tais relações entre os referenciais dos autores citados é que esta pesquisa foi desenvolvida, a fim de considerar que o negro é parte ativa da vida amazônica e das relações sociais reinantes nesse espaço.

²⁰ Bhabha, *O local da cultura*, 2005, p. 111.

²¹ Bhabha, op., cit., 2005, p. 76.

1. NEGROS NA AMAZÔNIA

Tornou-se lugar-comum a discriminação racial e todos os mecanismos preconceituosos e estereotipados que utilizamos ao nos referirmos aos negros. Inconscientemente usamos palavras direcionadoras em nosso discurso capazes de demonstrar que a discriminação e o preconceito sofridos pelos negros são construídos, historicamente, por meio de uma mecânica discursiva tão enraizada e naturalizada que não nos damos conta. Dizer em uma conversa informal que é preciso dormir cedo porque no dia seguinte é “dia de branco” é, de início, um discurso preconceituoso e uniformizado, demonstrando que consideramos que “preto não trabalha”, assim como as inúmeras piadas jocosas a respeito da mulher ou homem negros. Já não nos damos conta de que quando dizemos que a “coisa está preta” quando algo vai mal, estamos atribuindo a esta cor uma valoração negativa e pejorativa, como se tudo que assim fosse tivesse essa carga semântica.

A própria língua possui marcas de preconceito racial e verificamos isso através do verbo “denegrir” ou “denigrir”, que segundo o dicionário HOUAISS significa em sua primeira acepção “tornar(se) negro ou escuro; obscurecer(se)” e em outra “diminuir a pureza, o valor de; conspurcar(se), manchar(se)”²². É “natural” em nossa sociedade considerar essas questões como se fossem banalidades e criticar quem não concorda com tais posturas. Toda essa situação se agrega através de um sistema de valores construído ou produzido historicamente por uma determinada lógica de organização da sociedade.

A partir disso, pensamos na construção dessa discriminação no Brasil. A escravidão apresenta-se aqui como ponto de partida para essa situação, conseguindo pulverizar sutilmente na sociedade esses discursos que emanam preconceito, embora inicialmente não estivessem ligados à cor da pele.

²² HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0 – Dezembro de 2002. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA.

A questão da cor da pele como um fator na escravidão é um exemplo. Não teve muita importância no passado. (...) Mas no mundo antigo, entre os gregos e romanos, bem como para outros povos, a cor não era uma linha divisória: brancos escravizavam brancos, aos milhões.²³

Para muitos historiadores, a escravidão é “um passo à frente no desenvolvimento da civilização”²⁴ já que o tráfico de escravos configurou-se como uma das primeiras formas de se fazer comércio no mundo. Essas palavras não surpreendem se olharmos atentamente para os resquícios do que foi esse processo histórico do trabalho escravo. Ao pensarmos em suas origens, nos primórdios da civilização humana, veremos que o desejo do homem de mandar dava-lhe uma sensação de vitória e poder.

Quando os homens aprenderam com a agricultura e o pastoreio a se sustentar e ter excedentes de suas produções, perceberam que era mais lucrativo para eles manter presos e como escravos os inimigos que tinham e venciam nas batalhas, que propriamente matá-los como faziam antes de dominar as técnicas para conseguir alimentos.²⁵ Nesse momento a escravidão deu um passo decisivo para o que se tornou séculos mais tarde nas últimas sociedades escravocratas como o Brasil.

A partir desse início da escravidão podemos perceber que o desejo de ser dono de um ser humano, assim como se era dono de um cavalo ou boi, despertou nos homens uma ambição cultural, já que a partir das lutas que eram travadas não era um “pecado” aprisionar aqueles que tinham lutado e sido derrotados, ao contrário, a vitória era ainda mais saborosa, pois punir e humilhar o perdedor era um grande prazer para qualquer homem. É importante notar o que diz Meltzer sobre o assunto:

A escravidão, enquanto instituição que reduz o homem a uma coisa, nunca desapareceu. Em alguns períodos da história, ela prosperou: muitas civilizações ascenderam ao poder e à glória apoiadas em ombros de escravos. Em outras épocas, os escravos diminuíram em número e importância econômica.²⁶

Essa situação pode ser mostrada a partir da comodidade dos senhores em buscar uma explicação divina para o fato: “se os homens não eram iguais, então era por causa da vontade divina”.²⁷ O autor esclarece ainda que ser escravo era lucro para as sociedades porque além de mão-de-obra gratuita consistia numa forma comercial valiosíssima. Ser

²³ Meltzer, *História Ilustrada da Escravidão*, 2004, p. 11.

²⁴ Meltzer, op., cit., 2004, p. 14.

²⁵ Meltzer, op., cit., 2004, p. 14 – 15

²⁶ Meltzer, op., cit., 2004, p. 11.

²⁷ Meltzer, op., cit., 2004, p. 19.

escravo significava ser propriedade de alguém, portanto ser um objeto tal como dinheiro, bens, posses. Filhos de escravos eram escravos, somando-se assim, mais alguns humanos que não tinham a condição de pessoa – segundo a lei – cujo direito era apenas de obedecer sem questionar. Mas essa subserviência tornava-se para escravo e senhor um desastre moral uma vez que essa total sujeição tirava de ambos sua essência de humanidade, pois segundo Meltzer:

Ao negar a humanidade de um homem, a escravidão impede-o de desenvolver um senso de dignidade humana. Quanto ao senhor, o hábito da dominação tende a envenenar cada aspecto de sua vida. Pois quando os caprichos do dono controlam cada movimento do escravo, a capacidade de autocontrole daquele é enfraquecida e destruída. O proprietário que não reconhece nenhuma humanidade em seu escravo perde-a em si próprio.²⁸

A partir disso, é importante pensarmos de quais sujeitos estamos falando. Quem são os negros? Como classificá-los sem rotulá-los? Qual a importância da cor da pele no Ocidente? Estas questões podem ser respondidas se levarmos em consideração que esses são fatos sociais construídos historicamente e, no Brasil, após a chegada de africanos para a mão-de-obra, por razões estratégicas, a conotação de negro como algo pejorativo passou a ser difundida:

Essa identificação negativa com a pele escura talvez se deva à dicotomia que existe na cultura ocidental entre a cor branca, que significa o bem, a beleza, a pureza, e a cor preta, que representa o mal, a morte, o medo. Para o pensamento cristão, o preto era a cor do demônio, atribuído a acontecimentos nefastos como a “peste negra” e a “magia negra”. A cor negra tinha, assim, conotação sinistra para o Ocidente, que se combinou à condição de escravos dos africanos encontrados na América e na Europa para construir um conceito pejorativo acerca do negro como indivíduo.²⁹

Desse modo, os conceitos em torno do sujeito negro que veio para o Brasil e está aqui até hoje, foram construídos na sociedade a partir de suas práticas. Ao vir para o Brasil como escravo, o negro tinha uma classificação pela origem ou pela condição jurídica, mas a partir da abolição passou a receber um conceito de cor.³⁰

Uma vez que a escravidão em seus primórdios não pressupunha cor da pele, sendo essa uma conduta adotada após a escravidão africana, notamos ainda que o preconceito racial ganha então, especialmente no Brasil, um enfoque maior a partir do século XIX com

²⁸ Meltzer, op., cit., 2004, p. 17.

²⁹ Silva, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo, 2005. P. 313

³⁰ Silva, op., cit., 2005, p. 313.

as discussões de alguns centros cientistas e acadêmicos sobre a miscigenação oriunda desta prática. Nesse século, as teorias raciais que discutiam a cor da pele como fonte de “atraso ou uma possível inviabilidade da nação”³¹ chegavam ao Brasil como forma de explicar os contrastes sociais, econômicos, culturais, entre outros, existentes no país.

Ao lado de um discurso de cunho liberal, tomava força, em finais do século passado, um modelo racial de análise, respaldado por uma percepção bastante consensual. De fato, a hibridação das raças significava nesse contexto “um tumulto”, como concluía o jornal *A Província da São Paulo em 1887*.³²

Também é importante pensarmos quem eram os homens que discutiam e defendiam essas questões buscando encontrar na miscigenação existente no Brasil, baseados em modelos europeus e norte-americanos, a solução de problemas que os excluía como culpados, que os dava o cômodo lugar de cientistas preocupados com um país próspero e rico, mas que tinha um problema a ser resolvido: banir os que não tinham a pele branca. Nessa época, ficou clara a argumentação depreciativa construída política e historicamente em torno do preconceito racial e, além de carregar uma acepção biológica, o termo “raça” passou a ser considerado com uma conotação social pejorativa e preconceituosa.

Para Quijano, raça é “literalmente uma invenção” que não tem absolutamente nada a ver com a “estrutura biológica da espécie humana”³³. Por outro lado, para este autor a:

invenção da categoria cor – primeiro como a indicação mais visível de raça, depois simplesmente como o equivalente a ela -, tanto quanto a invenção da categoria particular de branco, ainda precisam de uma pesquisa histórica mais exaustiva. Em todo o caso, muito provavelmente foram invenções britânico-americanas, já que não há sinais dessas categorias nas crônicas e em outros documentos dos primeiros cem anos do colonialismo ibérico na América (...) É muito interessante que, apesar de aqueles que seriam os europeus no futuro conhecerem os futuros africanos desde a época do Império Romano, inclusive os ibéricos, que eram mais ou menos familiares a eles muito antes da Conquista, nunca se pensou neles em termos raciais antes do surgimento da América. De fato, raça é uma categoria aplicada pela primeira vez aos “índios”, não aos “negros”. Desse modo, na história da classificação social da população do mundo, raça é muito anterior a cor.³⁴

Importa entender os profundos significados e o alcance dessa invenção que, partindo de um ordenamento articulador de pontos de vista, opiniões e comunidades,

³¹ Schwarcz, *O espetáculo das raças*, 1993, p. 13.

³² Schwarcz, op., cit., 1993, p. 13

³³ Quijano, op., cit., 2005, p. 38.

³⁴ Quijano, op., cit., 2005, p. 37- 38.

encontram eco nas formas “naturalizadas” identificação e autoidentificação de diferentes sujeitos ou agrupamentos de sujeitos sociais. Para Gilroy, “raça” é uma construção metafísica cuja propagação se deu por meios poderosos, fazendo-se necessário prestarmos “atenção de forma consistente à brutalidade da história da raciologia e seus efeitos excludentes”.³⁵

Todo esse processo de exclusão era justificado também pela necessidade de manter-se uma hierarquia que começava a se formar após o regime escravocrata, com o objetivo de explorar os negros como forma de garantir suas posses e lucros, como aponta Schwarcz:

A partir de então o que estava em jogo era não apenas a construção de um novo regime político, como a conservação de uma hierarquia social arraigada que opunha elites de proprietários rurais a uma grande massa de escravos e uma diminuta classe média urbana.³⁶

A mão-de-obra era uma necessidade inquestionável, que passou a ser um desafio a partir do fim oficial da escravidão em 1871. Os estrangeiros vindos para o Brasil além de não darem conta de todo o trabalho que os negros faziam quando escravos, também não o faziam a contento, de qualquer modo, tinham a pele branca.

Em contrapartida, percebemos que a idéia era eliminar quem representasse algum “perigo” ao modelo pretendido pela burguesia como forma de consolidar uma nova era, embasada pelo branqueamento do Brasil após a escravidão, já que para esses homens de *sciencia* a mistura de raças existente no Brasil neste período era o principal fator de atraso do país. Esse procedimento encontrou respaldo na ciência de homens que julgavam ter encontrado a solução mais “explicada” para o que propunham:

(...) Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – “classes perigosas” a partir de então – nas palavras de Sílvia Romero transformavam-se em “objetos de sciencia” (prefácio a Rodrigues, 1933/88). Era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades.³⁷

As teorias raciais propostas por esses homens de ciência do Brasil em meados do século XIX eram das mais diversas e se afirmavam através de teorias já consolidadas como o positivismo, o naturalismo, o evolucionismo social e o social-darwinismo “que tinham

³⁵ Gilroy, op., cit., 2001, p. 15.

³⁶ Schwarcz, op., cit., 1993, p. 27

³⁷ Schwarcz, op., cit., 1993, p. 28

como objeto central o estudo das raças e a verificação de sua contribuição singular”.³⁸ Embora concordemos não ser necessário haver justificativa para que haja discriminação de qualquer espécie e em qualquer lugar.

De modo geral, as sociedades contemporâneas contam com um amplo conjunto de discriminações inventadas e produzidas ou reproduzidas de múltiplas formas: racial, religiosa, social, econômica entre tantas capazes de demonstrar que os homens possuem uma “natural” necessidade de discriminar, dominar, julgar os que são diferentes de si. Essa necessidade de exclusão tem suas raízes fincadas nessas questões históricas e construídas ao longo do tempo, como o caso da discriminação racial no Brasil do século XIX, ou em pequenas situações cotidianas que dificultam as relações entre os sujeitos.

Ao olharmos para a história da humanidade, encontraremos nela respostas para muitas dessas questões sociais vividas atualmente. O racismo é apenas uma entre tantas e o Brasil é um entre muitos dos países com debates como esse a ser levantados. E na Amazônia brasileira não poderia ser diferente, por tratar-se de uma região com contrastes sociais e econômicos tão intensamente discutidos.

Nunca é demais lembrar que a história dos afro-descendentes na Amazônia se confunde com a dos negros de outras partes do Brasil e do mundo. Em 1552, os negros passaram a fazer parte da história do Brasil com quatro milhões de escravos trazidos para cá, representando 40% do total importado pelas Américas. A Amazônia passou a recebê-los a partir do séc. XVII vindos de diversas partes da África.³⁹ As práticas culturais dessa região tornaram-se heterogêneas – brancos, índios, negros – e o país deve grande parte de seus saberes aos africanos. Seja na religião ou na dança, na gastronomia ou na economia, é necessário reconhecer sua contribuição. No entanto, além de não serem reconhecidos, os negros são até hoje discriminados e rejeitados como consequência histórica dessa diáspora forçada:

Uma nova sociedade construída a partir da diversidade étnica e cultural dos que pra cá migraram em busca da fortuna da borracha e na qual podemos identificar uma importante participação negra. Tão significativa quanto a própria presença de negros na sociedade brasileira da época.⁴⁰

³⁸ Schwarcz, op., cit., 1993, p. 41

³⁹ Informações retiradas da Revista *História Viva*. Edição especial temática nº 3, p. 15. Sobre essa questão dos deslocamentos africanos – na condição de escravos – para a Amazônia, ver também a Tese de Doutorado do professor Eurípedes Antonio Funes (UFC), defendida junto à Universidade de São Paulo, no ano de 1995, com o título “Nasci nas matas, nunca tive senhor”: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas.

⁴⁰ Marcos Vinícius Neves. Revista *Negros no Acre*, 2005, p. 12

Apesar de tamanha diversidade trazida nos navios negreiros para o Brasil, pensar o negro na literatura de expressão amazônica até hoje é pensar em um ser invisível, destituído de características próprias de um ser humano, já que muitas pessoas fazem indagações a respeito dessa presença. Esse silenciamento faz parte da necessidade de exclusão imposta pelo não-negro, haja vista que negar o outro em sua diversidade é mais fácil que conviver com ele. Porém, é preciso lembrar que a ausência e a tentativa de silenciamento dos negros são tão reveladoras quanto a sua presença.

Podemos perceber no contexto brasileiro a dimensão da diáspora africana e as posteriores raízes fincadas no Brasil e conseqüentemente na Amazônia através do candomblé e seus orixás, da feijoada e outras especiarias da culinária afro-descendente, da capoeira como luta de defesa e tantas outras contribuições valorizadas por todos, mas que têm suas origens menosprezadas, silenciadas e esquecidas.

Pensamos que considerar a contribuição do negro na nossa história, a partir da observação de romances de expressão amazônica, é devolver-lhe seu direito de pertencimento nas práticas sociais dessa região e do restante do país. Segundo o historiador Marcos Vinícius Neves “basta um olhar mais atento para identificarmos a participação de afro-descendentes em todas as etapas da formação da sociedade acreana”.⁴¹ E com esse olhar poderemos desmitificar a “lenda amazônica”, em particular da Amazônia acreana, de que por aqui não há negros e inseri-los na discussão sobre o local.

Os primeiros escritos sobre a Amazônia surgiram através dos exploradores europeus a partir do século XVI, representados por Frei Gaspar de Carvajal, Cristobal de Acuña e o padre Antônio Vieira:

Gaspar de Carvajal, dominicano, acompanhou Francisco de Orellana na primeira expedição que, em 1541-42, percorreu todo o rio Amazonas desde o Equador até o oceano Atlântico. Seu livro, um clássico da literatura dos descobrimentos, retrata as populações amazônicas ainda intocadas pelos efeitos da ocupação européia...⁴²

Antônio Porro nos faz notar que o interesse a respeito da Amazônia, de seus mistérios e de sua população é antigo – embora sob a ótica ideológica dos colonizadores – e se mantém ainda hoje quando nos deparamos com obras que têm como tema o “ciclo da borracha” e a exploração das tramas que estão em volta do assunto. *Seringal, Terra Caída* e *A Selva*, romances corpus deste trabalho, não fogem a tal proposição e, assim,

⁴¹ Marcos Vinícius Neves. *Revista Negros no Acre*, 2005, p. 16

⁴² Porro, *As crônicas do Rio Amazonas*, 1992, p. 11

configuram-se como obras que têm como pano de fundo um contexto sócioeconômico marcado por enredos sociais intensos e contextualizados com os pormenores da vida amazônica, que nos levam além da análise de seus aspectos puramente literários.

Nessa direção é que o filme *Aguirre – a cólera dos deuses* – produz uma narrativa a qual representa o encontro de nativos e europeus moradores da Amazônia com um negro recém-chegado à região. O espanto injustificável aos olhos de quem não vislumbra diferença entre negros e brancos causa estranhamento e indignação. Ao se deparar com o negro, os europeus se assustaram e olharam-no com curiosidade e espanto, como se não fosse gente igual a eles. Havia medo, espanto, assombro, choque.

A literatura de cunho amazônico é composta de diversas obras que produzem representações sobre as relações existentes na região. Na maior parte das vezes, essas relações eram envoltas por interesses econômicos, visando somente o lucro, tendo em vista que muitos dos que foram deslocados ou se deslocaram para essa região tão distante e de difícil acesso só poderiam almejar o “enriquecimento fácil” e neste caso, através da exploração das *drogas do sertão*⁴³ e da borracha, especialmente:

A leitura de qualquer obra que tenha como assunto o ciclo da borracha, dará uma visão de um contexto onde a borracha aparece como produção que enriquece o seringalista e que impõe ao seringueiro um miserável nível de vida.⁴⁴

Entre tantas possibilidades, essa literatura também nos permite buscar evidências da passagem dos negros pela Amazônia e de como as relações desses sujeitos foram constituídas. Paes Loureiro, na construção do panorama da cultura amazônica em seus primórdios, evidencia a passagem de negros pela região:

Um outro elemento deve ser enfatizado na constituição cultural da Amazônia – a predominância do índio sobre o negro e o branco. E, evidentemente, dos caboclos, mestiços descendentes de índios e brancos. É verdade que houve em vários pontos do território da Amazônia redutos negros de origens diversas: negros que fugiam do cativo e se embrenhavam nas matas, isolando-se com medo de perseguição, negros que vieram para executar algum trabalho específico (em especial a construção de fortes) e que acabaram ficando, ou por outra razão.⁴⁵

Este relato nos possibilita buscar indícios das relações sociais e históricas vividas por negros na Amazônia e desconstrói a ideia de que não havia e não há negros na região.

⁴³ Produtos naturais extraídos da floresta, como plantas, paus e ervas, que serviam para temperar alimentos, curar doenças e extrair essências.

⁴⁴ Barros, Leopoldina Leitão. *Uma visão de romance histórico*, 1991, p. 30.

⁴⁵ Loureiro, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica*, 1995, p. 24

São as relações de sujeitos que vivenciaram de perto o sonho europeu pelo “eldorado”, pela “terra prometida”, iniciadas com a diáspora africana pelo Atlântico.

Milhares de mulheres e homens africanos foram “transportados” para o Brasil em porões de navios negreiros – em condições subumanas – vivendo toda sorte de violências, numa agressão sem precedentes que mudou para sempre suas histórias e os colocou como estrangeiros em uma terra não escolhida. Essa chegada posicionou-os em um novo espaço – a fronteira, cujo caminho colaborou para que, aos poucos, fossem construídas novas identidades e novos sujeitos. Expatriados, assujeitados e forçados ao trabalho escravo, os africanos foram classificados por Édouard Glissant como o “migrante nu”, ou seja, aqueles que foram

despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua. O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua.⁴⁶

Diante da imprevisibilidade e de um conjunto de situações eminentemente novas e “dolorosas” - como ressalta Glissant - para os negros – mas, também, indígenas e a grandes parcelas das populações brancas - no continente americano constituíram-se novas linguagens, novas identidades. No caso do Brasil, o corpo do negro foi e ainda é marca de todo tipo de exclusão, violência e dominação. Nessa direção, cabe ressaltar com Antonietta Antonacci que devemos enfrentar o desafio de “rastrear referenciais em torno de corpos africanos e afro-brasileiros”, como forma de alinhavarmos múltiplas e diferentes alternativas de conhecimento, ressaltando, como faz a autora em alusão a Georges Vigarello, ao abordar a temática do corpo inscrito na história: “quando se diz que o corpo revela, não se pode esquecer que ele também esconde”.⁴⁷

Perfeito conhecedor do histórico de discriminação sofrido pelo não-negro ao longo de sua história, o negro passou a viver numa conflituosa relação com seu próprio corpo. Ao mesmo tempo em que é açoitado e punido ao não corresponder ao trabalho escravo exigido pelo senhor, o corpo negro serve de depósito de sua essência, de sua cultura e de diversas formas de resistência.

⁴⁶ Glissant, op., cit., 2005, p. 17-19.

⁴⁷ Maria Antonietta Antonacci, “Corpos sem Fronteiras”, In: Projeto História – 25 – Corpo & Cultura, 2002, p. 146.

Luciano Figueiredo nos faz notar que não é de se estranhar que tais resistências culminassem em violência. Quando tentavam fugir eram punidos e marcados a ferro e fogo e assim, o corpo carregava “símbolos de propriedade e de transgressão”.⁴⁸ Essa metáfora, proposta pelo autor, do corpo negro como manuscrito⁴⁹ nos orienta para a dimensão do corpo como linguagem e dos signos identitários presentes nele, como: cicatrizes, narizes modificados, dentes afiados, pigmentos naturais, tatuagens, gingas, ritmos, entre outros.

É certo que o olhar sobre o corpo negro deve ser duplo na intenção de assegurar sua dupla função: sujeito social, mas acima de tudo sujeito cultural. Nessa perspectiva, o corpo exclui e inclui, aceita e rejeita, já que coloca biologicamente todos na mesma condição, mas diferencia cada indivíduo do outro com suas particularidades culturais, aprendidas e desenvolvidas por meio da linguagem constituída social e historicamente. Há, neste caso uma oposição inevitável nos traços da escravidão africana: “(...) a pele dos escravos apreendidos para o tráfico testemunhou o desencontro entre diferentes culturas num mesmo ato: uns marcavam para crer, embelezar e igualar; outros, para submeter e se apropriar”.⁵⁰

O corpo negro é encarado ou visto, em nossa sociedade, como depósito de memória da descendência africana. A atribuição da cor da pele já pressupõe uma valoração e posiciona o sujeito ainda hoje nas relações sociais de poder: neste caso, dominante/dominado. O negro é visto, e muitas vezes ainda se vê, como um ser à parte, que não congrega com o restante das pessoas, como se não tivesse direito ao mundo em que vive.

Dessa forma, as particularidades culturais do corpo e suas marcas servem de linguagem. “Porque assim como o homem, quando é inteiro, é corpo, também a linguagem quando é inteira é corpo”.⁵¹ Uma linguagem que exala preconceito através de superficialidades pulverizadas, muitas vezes, pelos próprios negros quando recorrem a técnicas modernas para relaxar ou alisar o cabelo na busca pelo padrão de beleza e de uma estética da exclusão – branca e ocidentalizante. Porém, também, mais uma vez, uma linguagem que reage à exclusão quando se coloca na sociedade como participante ativo de suas práticas – capoeira, percussões, ritmos musicais, candomblé, umbanda, santo daime.

⁴⁸ Figueiredo, Luciano Raposo de A. *Quando o corpo é o manuscrito: marcas de escravos no Brasil*, 2004, p. 88

⁴⁹ Neste ensaio *Quando o corpo é o manuscrito: marcas de escravos no Brasil*, o autor faz uma metáfora entre o corpo do negro escravo no Brasil e um manuscrito, ou seja, como o negro tem inscrito em seu próprio corpo todas as marcas da escravidão que sofreu e como essa linguagem representa sua identidade.

⁵⁰ Figueiredo, op., cit., 2004, p. 92.

⁵¹ Larrosa, *Linguagem e educação depois de Babel*, 2004, p. 168.

Podemos compreender como o negro africano vindo para o Brasil – escravizado, açoitado e rejeitado das mais diversas formas – construiu suas noções de vida e liberdade. A identidade dele era construída em cima daquilo que os não-negros queriam negar. “A escravidão foi a forma mais cruel de intervenção na vivência da ‘vida em plenitude’ dos diversos grupos africanos, ao esfacelar suas formas sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas”.⁵² As punições físicas eram estratégias para retirar do negro o *status* de humanidade e colocá-lo em um lugar de inferioridade e subserviência. O simples fato de ser negro (a cor da pele) se torna suficiente para alguns construírem a representação do quê e de quem eles são na sociedade. E segundo Larrosa as relações entre corpo e vida são indissociáveis:

As diferentes modalidades da humanidade são diferentes formas de ser corpo, de fazer corpo. E ninguém sabe o que pode um corpo. Daí que a humilhação e a diminuição do corpo seja, ao mesmo tempo, humilhação e diminuição da vida, da linguagem (e do homem).⁵³

É nesse sentido que reconhecemos o corpo negro escravizado duplamente, já que ao mesmo tempo em que é ser cultural – participando da economia habilmente e manifestando suas práticas culturais mesmo dentro das senzalas – é objeto, disciplinado, punido e desarticulado de suas ideologias. Nessa “mecânica de poder”⁵⁴, que fabrica corpos submissos com a disciplina da escravidão, optamos pelo ser cultural emanado dessas relações, já que olhar o corpo negro como “objeto social” é fazê-lo de sustentáculo ao desejo épico de povos sem história e colocá-lo à disposição dos interesses daqueles que os dominavam e dominam.

Nessa perspectiva pensamos ser mais necessário refletir para não correremos o risco de simplesmente “compreender” o negro, como diz Glissant, e enquadrá-lo naquilo que achamos que ele seja: “Não necessito mais ‘compreender’ o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele.”⁵⁵ Olhar essa heterogeneidade e esse deslocamento é pensar na construção de outras identidades e no outro compartilhando conosco o que nos serve de referência.

⁵² Souza Júnior, *As representações do corpo no universo afro-brasileiro*, 2002, p. 127.

⁵³ Larrosa, op., cit., 2004, p. 171.

⁵⁴ Para Foucault o poder não é algo sólido, fixo, mas sim algo que se enraíza a partir de práticas de poder. Em *Microfísica do poder* o autor deixa claro essa questão.

⁵⁵ Glissant, op., cit., 2005, p. 86.

Podemos dizer que ao mesmo tempo em que se sente excluído, o negro, assim como os diferentes sujeitos sociais desse mundo, utilizam-se de diferentes e imprevisíveis artifícios para se afirmar socialmente. Os estereótipos impostos aos negros no Brasil a partir da escravidão africana não os reduziram a um mero sentimento de estrangeirismo, ou seja, não os fizeram sentir-se apenas “estrangeiros”, ao contrário, os negros constituíram identidades e culturas a partir do lugar e das condições em que se encontravam.

Na Amazônia acreana é possível encontrar marcas vivas das manifestações culturais afrodescendentes em diferentes práticas sociais e construções linguísticas e identitárias. Uma delas é a do Santo Daime, considerada uma religião, começou no início do século XX no interior da Floresta Amazônica com um neto de escravo chamado Raimundo Irineu Serra, maranhense que mudou-se para o Acre naquele período.

Essa denominação abastece-se de uma bebida chamada *ayahuasca* preparada com plantas retiradas da própria floresta – o cipó jagube (*banisteriopsis caapi*) e a folha Rainha (*psicotrya viridis*). O chá resultante da infusão de tais plantas causa, em quem bebe, um efeito alucinógeno que segundo seguidores de mestre Irineu, como é chamado até hoje, provoca uma expansão de consciência capaz de levar o sujeito a uma experiência de contato com divindades internas ao próprio homem.⁵⁶

Os seguidores da religião, chamados de daimistas, têm uma forma muito particular de congregar durante suas reuniões. Usam roupas típicas da prática e dançam embalados por hinos criados por diversos mestres que sucederam Irineu Serra. Centenas de pessoas de diversas partes do mundo viajam para a Floresta Amazônica, ainda hoje, para tomar o Daime e participar de suas manifestações.

Esse exemplo nos traz à discussão o que Antonacci nos diz sobre a perspectiva dos corpos reproduzirem no Brasil sua cultura, suas origens através da relação com a cultura afro:

Percorrendo textos e expressões culturais destes caminhos, em registros sobreviventes, temos entrevisto sinais de como homens e mulheres das Áfricas do Velho Mundo utilizaram corpos, saberes, astúcias para adaptarem suas tradições a experiências vividas em Áfricas do Novo Mundo.⁵⁷

Desse modo, percebemos como se torna delicado olhar o sujeito no território em que ele ocupa com a ideia pronta e fechada de identidade, uma vez que as identidades são fluidas e se constroem ao longo do tempo, de acordo com as relações estabelecidas entre

⁵⁶ Disponível em < <http://www.santodaime.org/origens/index.htm> > Acessado em : 02 de out. de 2007.

⁵⁷ Antonacci, “Corpos negros desafiando verdades”, 2005, p. 16. Ensaio.

eles. Assim, concordamos com Paul Gilroy⁵⁸ quando repudia as perigosas obsessões com a pureza racial, posicionando-se contra a ideia do corpo humano como verdade racial. É necessário olhar o homem moderno como parte de comunidades compósitas, resultantes do rompimento com a ideia de uma identidade unilateral.

⁵⁸ Gilroy, op., cit., 2001, p, 35-36

2. REPRESENTAÇÕES ESCRITAS SOBRE A AMAZÔNIA E OS NEGROS NO “SERINGAL”

Tendo como base um contexto social de “retratos da floresta, resgate de identidades”⁵⁹ que nos possibilita múltiplas análises, o romance *Seringal*, de Miguel Jeronimo Ferrante, foi o primeiro livro selecionado para este *corpus* por estar mais próximo do quadro social da Amazônia Sul Ocidental pretendido por nossa pesquisa. O livro foi escrito em 1963 e descreve um “drama humano de quem se arrisca a viver nesse mundo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante da gente”.⁶⁰ O universo da Floresta Amazônica do início do século XX é representado de forma monumental, grandioso e imperioso e o homem parece surgir como um detalhe, um coadjuvante, cuja existência é mais incerta que necessária.

É importante nos situarmos em relação à origem da existência do homem na Amazônia, que desde o princípio dos relatos sobre o território, geralmente foi cercada de teorias hipotéticas e fantásticas na busca de comprovar o surgimento de seus primeiros habitantes. Histórias de navegantes fenícios, hebreus, árabes e “moradores da extinta Atlântida” como prováveis “desbravadores” da região, até conjecturas filosóficas baseadas na Bíblia povoaram o imaginário daqueles que buscavam uma explicação para a presença humana na Amazônia em seus primórdios.⁶¹

Até pouco tempo, tais hipóteses a respeito dos habitantes da Amazônia os colocavam como povos que não dispunham de condições de organizar uma sociedade complexa devido ao isolamento da região e aos poucos recursos lá existentes. Com o passar dos anos e o aumento dos estudos sobre a região, comprovou-se que há muito seus primeiros habitantes “formaram uma continuidade de alta sofisticação”.⁶² De acordo com

⁵⁹ Laélia Rodrigues e Henrique Silvestre, Prefácio à edição de “Seringal”. Ver FERRANTE, Miguel Jeronimo. Rio Branco: Ufac/Fundape, 2003.

⁶⁰ Rodrigues e Silvestre, op., cit., 2003.

⁶¹ Souza, Márcio. Breve história da Amazônia, 1994, p, 13

⁶² Souza, op., cit., 1994, p, 13

Márcio Souza, a partir de escavações e outros estudos arqueológicos foi possível conhecer um pouco mais sobre a origem desses homens e a organização de suas sociedades:

Os primeiros amazônidas experimentaram um grande desenvolvimento por volta de 2.000 a.C., transformando-se em sociedades hierarquizadas, densamente povoadas, que se estendiam por quilômetros ao longo das margens do rio Amazonas. Essas imensas populações, que contavam com milhares de habitantes, deixaram marcas arqueológicas conhecidas como locais de ‘terra preta indígena’.⁶³

Aqui se percebe, ao contrário do que a maioria pensa, que no século XVI, com a chegada dos europeus à Amazônia, os habitantes da região participavam de grandes grupos sociais hierarquizados e organizados com produção de ferramentas, cerâmicas e agricultura além de haver diferenças organizacionais entre os povos que habitavam a terra firme e os povos da várzea.⁶⁴ E, ao contrário do que é propagado até os dias de hoje, o isolamento não foi fator impeditivo para que os povos da Amazônia se organizassem e vivessem de acordo com sua cultura a partir do que tinham e necessitavam para viver na floresta, criando assim seus próprios modos de vida:

Assim, está provado que, ao chegar, os primeiros europeus encontraram sociedades compostas por comunidades populosas, com mais de mil habitantes, chefiadas por tuxáuas com autoridade coercitiva e poder sobre muitos súditos e aldeias; técnicas de guerra sofisticadas; estrutura religiosa hierárquica e divindades que eram simbolizadas por ídolos e mantidas em templos guardados por sacerdotes responsáveis pelo culto, uma economia com produção de excedente e trabalho baseado num sistema de protoclasses sociais.⁶⁵

Com esses relatos, podemos perceber que os primeiros habitantes da região amazônica já possuíam uma vida organizada e complexa muito antes da chegada dos europeus. Mas, exatamente a partir da chegada dos colonizadores, as populações classificadas, desde então, como indígenas começaram a sofrer as consequências de uma ocupação trágica e irreversível que levou muitos deles à total extinção. Os índios, moradores da Amazônia muito antes da chegada dos europeus, não eram reconhecidos como donos da terra e os invasores passaram a matá-los e escravizá-los a fim de retirar as riquezas naturais encontradas na região e tomar posse da terra.⁶⁶

Evidentemente, não podemos dizer que essa invasão não gerou resistência. Os indígenas nunca aceitaram se submeter como mão-de-obra à colonização e à “agricultura

⁶³ Souza, op., cit., 1994, p, 14

⁶⁴ Souza, op., cit., 1994, p, 17-18

⁶⁵ Souza, op., cit., 1994, p, 17

⁶⁶ Porro, Antônio. *As crônicas do rio Amazonas*, 1992, p. 07.

de trabalho intensivo dos europeus”⁶⁷, sendo esse o motivo principal da importação de escravos africanos para o Brasil. Por causa dessa resistência, também manifestada em muitas batalhas entre nativos e colonizadores que já em meados do século XVIII, parte significativa da população indígena que habitava a Amazônia havia desaparecido como resultado da violenta “invasão” européia ao território amazônico.⁶⁸

Essa ocupação teve início com o espanhol Vicente Yañes Pinzon em 1499⁶⁹ e foi um divisor de águas na história da Amazônia porque através dos “modelos” de colonização que defendiam, os europeus buscaram mudar a vida dos habitantes da região com uma dominação desastrosa e trágica além de lançar mão da exploração das riquezas naturais da região e de artifícios ideológicos que justificassem tal dominação.⁷⁰

A literatura que reflete as questões amazônicas faz parte da história da região contemporaneamente, mas parte dela tem sido recorrente ao colocar essa região como um espaço grandioso e exuberante, como se a floresta fosse um mundo à parte que parece não se submeter a nada, muito menos à liderança humana.⁷¹ Nas três obras estudadas neste trabalho – *Seringal*, *Terra Caída* e *A Selva* – os sujeitos que habitam a floresta aparecem como coadjuvantes achatados por um cenário repleto de temores e selvageria e, por isso mesmo, são vistos como bárbaros e incapazes de ter o direito de usufruir de sua cultura, tendo que se submeter à cultura do colonizador.

Não é de estranhar que tais estereótipos sejam vinculados àqueles que não conheceram a vida amazônica e que “o processo de desenvolvimento da própria região”⁷² se baseie apenas em relatos fantasiosos e exagerados. Mesmo os que tiveram a oportunidade de estar na floresta a descreveram com um olhar de espanto a exemplo de Euclides da Cunha em *Um Paraíso Perdido*⁷³: “nunca se armou tão imponente cenário a tão pequeninos atores”.⁷⁴ Essa impressão *regionalista*⁷⁵ acerca da região ajuda a reforçar as fantásticas histórias que se compuseram durante o processo de colonização amazônica, especialmente as que dizem respeito aos mistérios da floresta.

⁶⁷ Souza, op., cit., 1994, p, 45.

⁶⁸ Souza, op., cit., 1994, p, 45.

⁶⁹ Souza, op., cit., 1994, p, 22

⁷⁰ Souza, op., cit., 1994, p, 22

⁷¹ Silva, Laélia Maria Rodrigues da, *Acre: prosa & poesia - 1900-1990*, 1998, p, 22

⁷² Silva, op., cit., 1998, p, 22

⁷³ Livro escrito por Euclides da Cunha como resultado de sua viagem de um ano pela Amazônia.

⁷⁴ Cunha, Euclides da, *Um paraíso perdido*, 2003, p. 128.

⁷⁵ A Professora Láelia da Silva pondera que as representações feitas acerca da literatura de expressão amazônica têm, em parte, refletidas a idéia da literatura regionalista nacional que considera as relações entre homem e natureza dotadas de uma dominante superioridade da natureza em detrimento do homem.

Desse modo, inclusive os escritores de origem amazônica buscaram respaldar suas obras sobre a Amazônia nesses padrões da literatura nacional a fim de “reafirmar sua identidade, assumindo as imagens originárias dos relatos inaugurais que definem a natureza e o homem, como elos que permitem vincular a expressão literária amazônica ao sistema literário brasileiro”.⁷⁶ No entanto, ao ratificarem essa visão deixam de dar voz à sua própria história de amazônidas a partir de uma ótica local e assim, o *versus* da história fica por ser contado.

É necessário compreender, portanto, que a história dos povos que viveram na Amazônia desde seus primórdios e a de seus descendentes tem “luz própria” e não necessita ser, necessariamente, vinculada às tradições literárias ou históricas representadas nacionalmente, caracterizada por uma matriz eurocêntrica. A cultura que hoje reconhecemos como amazônica – culinária, crenças de cura através dos remédios extraídos da floresta, a *ayahuasca*, entre tantas – é resultado da presença original dos amazônidas antes da chegada dos europeus e da resistência em querer mudar seus costumes para se adequar aos do colonizador.

A região amazônica é vista também pelos romancistas aqui analisados, com uma grandeza infinita e sem precedentes, onde o homem é um simples personagem porque não está à frente das relações estabelecidas na floresta e sim, segundo eles, sob o seu domínio. Essa idéia de *inferno verde*⁷⁷ que há muito é utilizada, foi proposta originalmente pelo escritor *Alberto Rangel* ao sugerir em seu livro de igual título que a Amazônia representa um universo à parte e que a floresta domina e impõe medo, fazendo com que a existência humana se torne ínfima perto da grandiosidade e selvageria que a floresta representa.

A concepção regionalista proposta pelos romancistas estudados nos indica uma possível tendência à exclusão e ao silenciamento dos amazônidas – e aqui incluímos os negros – das relações sociológicas de prestígio estabelecidas na região. No entanto, essa opção metodológica não cabe neste trabalho uma vez que não podemos considerar que uma única concepção, ainda que generalizante, seja detentora de uma realidade indiscutível; mas considerar que a literatura nos oportuniza, através de seus aspectos intrínsecos, uma análise de sua linguagem e de seu contexto de criação.⁷⁸

⁷⁶ Silva, op., cit., 1998, p. 23.

⁷⁷ Alberto Rangel publicou o livro intitulado *Inferno Verde*, em 1908 e a partir dele assegurou mais ênfase a uma possível personificação da floresta, colocando-a como detentora da cena perante os homens que vivem nela.

⁷⁸ Neste aspecto nos inspiramos na obra da professora Laélia Maria Rodrigues da Silva que trabalha sob essa perspectiva metodológica considerando que literatura e história possuem uma relação possível de ser analisada, embora não seja possível definir com exatidão a fronteira entre ambas.

Compreendemos que o discurso estereotipado a respeito da Amazônia é apenas um entre tantos que objetivam considerar a região com uma lógica e identidade prontas e fechadas. Outros discursos, outros olhares são possíveis de ser considerados a partir da linguagem que se encontra no limiar da relação entre literatura e história e suas possíveis representações.

Sob essa perspectiva, consideraremos um espaço e um tempo que atendam às necessidades da pesquisa de acordo com o que se encontra nas obras. Um certo espaço produzido, “organizado”, da floresta serve de “cenário” ao romance *Seringal*, assim como aos demais – *Terra Caída* e *A Selva* – em um momento em que os recursos naturais dela extraídos proporcionavam grandes lucros. Desde o início da colonização da Amazônia, o objetivo dos colonizadores era explorar as grandes riquezas e “tesouros” que povoavam a imaginação daqueles que viam na floresta a realização do sonho do paraíso na terra, influenciados pelas fantásticas histórias a respeito de um “eldorado” aí existente. Embora não tenham encontrado as delirantes riquezas que procuravam, no século XVIII, começaram a se deparar com outras que despertaram igual interesse, como as “drogas do sertão”⁷⁹, “ouro”⁸⁰ e “espécies vegetais”⁸¹ utilizadas na fabricação de artesanato.

A partir do século XIX, um outro “ciclo econômico” se instaura na Amazônia: a exploração da borracha. Não há consenso entre historiadores a respeito do período exato desta exploração, por isso optamos por situá-lo temporalmente de acordo com Benchimol: 1850 a 1915 – I “Batalha da Borracha”; 1942 a 1945 – II “Batalha da Borracha”.⁸² Mais ou menos nesses períodos de tempo é que são situados *Seringal*, *A Selva* e *Terra Caída* e o assunto principal que envolve suas tramas: a exploração da borracha. O produto

(...) em 1838 já participava com um percentual de 16,6% do valor total das exportações e dez anos mais tarde elevava essa participação para 24%, na segunda metade do século tornou-se a base da economia da Amazônia e de longe o seu principal produto de exportação.⁸³

Para Costa Sobrinho, essa ascensão atraiu para a floresta um grande contingente de mão-de-obra.⁸⁴ Benchimol confirma essa imigração considerando que, junto com a borracha, começam a chegar à Amazônia os primeiros imigrantes que vieram trabalhar

⁷⁹ Silva, op., cit., 1998, p, 37

⁸⁰ Souza, op., cit., 1994, p, 45

⁸¹ Silva, op., cit., 1998, p, 37

⁸² Benchimol, Samuel, *Romanceiro da Batalha da Borracha*, 1992, p, 67

⁸³ Costa Sobrinho, Pedro Vicente, *Capital e trabalho na Amazônia ocidental*, 1992, p. 21.

⁸⁴ Costa Sobrinho, op., cit., 1992, p, 22.

com a matéria-prima.⁸⁵ A floresta recebeu “milhares”⁸⁶ de trabalhadores cearenses, riograndeses, paraibanos, maranhenses entre tantos que buscavam em sua grandiosidade e na excitação causada pela borracha, refúgio e fuga das secas que vivenciavam em suas terras:

São, assim, imigrantes que largaram as suas terras que lhe davam uma situação na sociedade sertaneja e, obrigados pela influência da seca, do anúncio da seringa ou atrás da aventura, como os bandeirantes nos tempos coloniais, vieram tentar, no desconhecido, a riqueza e a fortuna.⁸⁷

Ainda segundo Benchimol, “só no ano de 1869 entraram em Manaus 1.676 pessoas”⁸⁸ para trabalhar na extração da borracha, sendo deste total 1.348 homens e 328 mulheres, ou 59 com família e 1.617 sem família.⁸⁹ Para ele, a mulher que ficava em sua terra funciona como uma motivação para o homem regressar, “fazendo com que este não se esqueça do sertão”⁹⁰. De acordo com Márcio Souza, “somente do Ceará, mais de 65.000 pessoas partem para a Amazônia, acossados pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária”.⁹¹

Grande parte desses homens se decepcionava ao conhecer a verdadeira maneira de ganhar a vida na floresta. Havia uma meticulosa organização que envolvia desde a coleta do látex das seringueiras até sua venda aos fabricantes que utilizavam a borracha como matéria-prima. O chamado sistema de aviamento funcionava como uma pirâmide que tinha em sua base os seringueiros sob uma situação de “dependência e dominação”.⁹²

As casas aviadoras eram espécies de grandes mercados que forneciam aos donos dos seringais os mais variados tipos de mantimentos para que fossem levados à floresta e, como pagamento, recebiam a produção retirada dela. O seringalista vendia a crédito essas mercadorias aos seringueiros para seu sustento durante a colheita da borracha e ao final, como pagamento, estes vendiam a safra produzida.⁹³

A cada início de safra, que geralmente se estendia entre os meses de maio a novembro, os seringueiros precisavam se deslocar de suas colocações munidos das

⁸⁵ Benchimol, op., cit., 1992, p. 46.

⁸⁶ De acordo com Benchimol, na obra citada, os Relatórios da Presidência da Província do Amazonas descrevem que entraram pelos rios Madeira e Purus alguns milhares de nordestinos para trabalhar na extração da borracha.

⁸⁷ Benchimol, op., cit., 1992, p. 84

⁸⁸ Benchimol, op., cit., 1992, p. 46

⁸⁹ Benchimol, op., cit., 1992, p. 55

⁹⁰ Benchimol, op., cit., 1992, p. 55

⁹¹ Souza, op., cit., 1994, p. 45

⁹² Costa Sobrinho, op., cit., 1992, p. 40.

⁹³ Costa Sobrinho, op., cit., 1992, p. 40.

ferramentas e dos mantimentos necessários ao início do trabalho. Desse modo, ao invés de começarem a obter saldo para pagar a passagem que os levou ao seringal, aumentavam ainda mais sua dívida junto ao barracão do seringueiro, dando-nos a clara sensação de que “socialmente (...) o seringueiro sempre foi um homem livre, embora economicamente tenha sido um escravo”.⁹⁴

Esse sistema econômico de aviamento certamente foi considerado por muitos, inclusive por Euclides da Cunha, como um verdadeiro regime de escravidão em que “o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”⁹⁵, uma vez que além dos preços não poderem ser considerados justos⁹⁶, o não pagamento ao final de um período acrescia de juros e taxas sua dívida⁹⁷ e colocava o seringueiro em uma situação de “imobilidade” econômica dentro da floresta, além de precisar ser “sóbrio, tenaz, incorruptível”.⁹⁸

Outros fatores contribuía para que o trabalhador ficasse cada vez mais “preso” ao seringal, como a proibição de plantar para que além de não gastar seu tempo em outra atividade que não a produção da borracha, não tivesse outro meio de adquirir alimento; os desvios de preço da borracha dados pelo seringueiro em relação ao que as casas aviadoras pagavam; as doenças que afetavam os seringueiros por conta também de sua má alimentação e condições de vida precárias; o roubo na pesagem da borracha e nas taxas cobradas pelas mercadorias. Enfim, o sistema de aviamento funcionava como uma escravidão mascarada já que forçava os seringueiros a depender do seringueiro por longos anos e às vezes até pela vida toda.⁹⁹

Albuquerque ressalta, no entanto, que a “força narrativa da literatura regional”, pontua que muito distante da suposta passividade atribuída “aos seringueiros pela historiografia oficial, os conflitos e as contradições marcaram, sobremaneira, o estabelecimento” da empresa/sistema seringueiro e toda sua lógica disciplinar.¹⁰⁰

É importante ressaltar que esse sistema era muito bem elaborado dentro dos seringais e que não podemos considerar generalizantes essas condições precárias em que viviam os seringueiros, já que há divergências entre autores que pesquisaram sobre o

⁹⁴ Benchimol, op., cit., 1992, p. 44.

⁹⁵ Cunha, Euclides da, *À margem da história*, 1999, p. 13.

⁹⁶ De acordo com Costa Sobrinho, em *Capital e trabalho na Amazônia Ocidental*, havia diferença entre o preço da borracha que o seringueiro comprava do seringueiro e o preço que ele vendia aos donos das casas aviadoras.

⁹⁷ Costa Sobrinho, op., cit., 1992, p. 42.

⁹⁸ Cunha, op., cit., 1999, p. 13.

⁹⁹ Costa Sobrinho, op., cit., 1992, p. 42

¹⁰⁰ Albuquerque, *Trabalhadores do Muru*, 2005, p.78-79.

assunto. Benchimol publicou um documento que se constituía como o regulamento de um seringal de propriedade de *Octávio Reis*¹⁰¹ e nele havia os deveres de todos que estavam relacionados ao trabalho de extração da borracha: gerentes, guarda-livros, empregados de balcão, comboieiros, fiscais, diaristas, empregados de campo, extratores (seringueiros), enfim, todos que habitavam o seringal.¹⁰²

Nesse documento, percebe-se que além de “respeitem-se mutuamente”¹⁰³, cada trabalhador tinha uma função exclusiva, bem detalhada e que deveria ser cumprida sem falhas para que não comprometesse o ciclo de trabalho. O seringalista Octávio Reis e seu seringal são considerados por Benchimol como “um barracão e (...) um coronel humanos”,¹⁰⁴ o que contrapõe a ideia generalizante do *Coronel de barranco*.

Muitos seringueiros se viam sem saída e sem vislumbrar qualquer outro futuro ou perspectiva de voltar à sua terra natal por causa da situação econômica em que viviam na Amazônia e dos problemas causados pelo isolamento da floresta, como a falta de médicos, escolas para os filhos e opções de uma alimentação saudável e equilibrada. Morar na Floresta Amazônica significava estar em contato com uma realidade, no mínimo, distante da que os “cearenses”¹⁰⁵ estavam acostumados. Já nas primeiras páginas de *Seringal e Terra Caída* nos deparamos com a visão dos autores sobre essa situação:

Toinho, antes de vir para o Barracão, nunca tomara leite de gado.

Recorda os longos dias de internada. As chuvas torrenciais caindo sem parar, horas e horas, alagando a mata, encharcando os varadouros. A proliferação do piú e do carapanã. O inferno dos igapós nas lombadas das enchentes. A floresta diabolicamente verde, exuberante, estuante de seiva, avançando dominadora, enfurecida sobre a barraca.¹⁰⁶

A chegada ao seringal marcou o início de novos sofrimentos: a fase duríssima de adaptação ao meio hostil; as doenças, as febres, as pragas de mosquito, a solidão da selva feroz e dominadora, agravando as saudades do sertão distante (...)¹⁰⁷

Essas passagens nos permitem notar que, além da “natural” ideia do isolamento de quem vive na Amazônia, para *Miguel Ferrante* e *José Potyguara* a floresta se constitui

¹⁰¹ Segundo Benchimol, na obra aqui estudada, Octávio Reis foi um seringalista que viveu nos seringais dos rios Acre, Guaporé e Abunã durante todo o “ciclo da borracha”.

¹⁰² Benchimol, op., cit., 1992, p. 97.

¹⁰³ Benchimol, op., cit., 1992, p. 107.

¹⁰⁴ Benchimol, op., cit., 1992, p. 96.

¹⁰⁵ De acordo com Benchimol, todos os trabalhadores de diversos estados da região que hoje conhecemos como Nordeste e que migraram para a Amazônia para trabalhar na extração da borracha eram apelidados de cearenses.

¹⁰⁶ Ferrante, *Seringal*, 2003, p. 30.

¹⁰⁷ Potyguara, *Terra caída*, 1986, p. 02.

com uma eloquência e uma severidade capazes de hostilizar qualquer um de seus moradores a ponto de sua grandeza imperar sobre eles. Nesses trechos não há menção a adjetivos que qualifiquem positivamente a vida na floresta, apenas a exaltação “barroca”¹⁰⁸ da selva como protagonista cruel dos romances.

Embora em *Seringal* a floresta seja descrita como figura importante, “contida, mas não vencida”¹⁰⁹ em um espaço carregado de símbolos que colaboram para colocá-la como a organizadora das construções sociais e colaboradora determinante no ritmo de vida da floresta, os sujeitos que lá vivem são os protagonistas dessas relações, porque são eles que participam ativamente das conflituosas situações estabelecidas nela, uma vez que as práticas sociais e a diversidade de identidades só podem ocorrer se partirem de uma dada noção de tempo e espaço para serem realizadas. Na perspectiva deste trabalho tempo e espaço são sempre construções sociais e atendem aos interesses dos grupos sociais em disputa por um dado território ou por mercados, como é o caso das possessões imperialistas em todo o mundo, desde fins do século XIX.

A floresta cumpre seu papel no romance ao ser pensada/representada como o cenário/espaço para que os homens construam suas relações, seja de economia, de sentimento, de fé, de desilusão, de sonho, de angústia ou qualquer outra condição que os envolva em sua vida na mata. Desse modo, consideramos que os homens não ficam a mercê da floresta, embora *Ferrante* não tenha escrito o romance com alguma inquietação em sugerir voz aos seus habitantes.

O que os três romancistas que servem de estudo para esta pesquisa – *Miguel Ferrante*, *José Potyguara* e *Ferreira de Castro* – têm em comum na escrita de seus enredos são as “cruciais limitações de visão”¹¹⁰ a respeito dos habitantes da floresta ao considerá-los somente a partir de um ponto de vista: para eles só houve efetivamente cultura e vida em terras amazônicas (embora, para eles, ainda não civilizada) – e até mesmo uma demarcação geográfica – a partir da chegada dos colonizadores europeus e quiçá dos latifundiários seringalistas.

Não há como desvincular a literatura - também a de expressão amazônica - das relações de poder e interesses sociais e enquadrá-la somente nas categorias de *gênero*¹¹¹ ou classe. Por isso, podemos considerar que, para os romancistas, as mortes, intrigas, traições,

¹⁰⁸ A idéia de barroco aqui se apresenta como algo extravagante, surpreendente e excessivo.

¹⁰⁹ Ferrante, op., cit., 2003, p. 22.

¹¹⁰ Edward Said usa essa expressão ao analisar o romance *Nostromo*, de Joseph Conrad, em *Cultura e imperialismo*, 1995.

¹¹¹ Segundo Bakhtin, gênero define as infinitas possibilidades de uso da linguagem na produção de mensagens no tempo e no espaço das culturas.

injustiças, calamidades humanas das mais variadas que não poupam homem ou mulher, branco, caboclo ou negro, rico ou pobre, empregado e até patrão, produzidas nos romances (enquanto representações de mundo) são parte de um mecanismo que busca colocar seus personagens como “bárbaros” e “selvagens” como se buscasse justificar uma possível “missão civilizadora”, assim como sugerido com *Toinho*¹¹² que em *Seringal* era olhado “como um bicho”¹¹³.

Para *Ferrante*, o *Santa Rita*¹¹⁴ (representando no romance a Floresta Amazônica) apresenta-se necessariamente como um espaço de punições em que o homem se sente desnaturalizado e castigado pela vida. Segundo palavras do próprio autor a escrita do romance *Seringal*

Vale, assim, como viagem interior do cronista, através dos caminhos da memória e do coração. Como revivescência sentimental de acontecimentos e paisagens que constituíram suas primeiras visões do homem e da terra, restritas a um universo verde, violenta e dolorosamente poético.¹¹⁵

O autor deixa claro que o romance é resultado de sua visão de mundo sobre a Amazônia e do “homem da Amazônia”¹¹⁶ que ele mesmo se intitula ser. Apesar dessa sua opinião cerrada sobre as condições de vida na Amazônia sob uma perspectiva de sobrevivência e concordante com o domínio colonialista, ponderamos que havia muito além do sofrimento, das saudades, da má alimentação, entre tantas situações. É necessário considerar que os moradores dos seringais – apesar de serem a todo instante forçados a um silêncio, inclusive por *Ferrante* – faziam, pioneiramente, parte da floresta junto a suas vozes.

Ferrante não lança mão da opção de negar que a história era contada pelos colonizadores, representados simbolicamente pelos seringalistas, e também pelo seu duplo: os seringueiros e demais moradores da floresta. Não há em nenhuma relação um único lado, uma só parte com autonomia suficiente para dominar a situação.¹¹⁷ E *Seringal* torna-se paradoxal em relação a essa afirmação exatamente porque busca colocar os sujeitos que vivem na floresta de escanteio nas relações, primeiro para dar espaço à própria floresta,

¹¹² Personagem principal do romance *Seringal* e que já no segundo capítulo é descrito como bicho que precisa ser “domado”.

¹¹³ Ferrante, op., cit., 2003, p. 26.

¹¹⁴ Nome do seringal onde ocorre o romance de mesmo nome e que pertence ao Coronel Fábio Alencar.

¹¹⁵ Miguel Jeronymo Ferrante. Introdução da 2. ed. São Paulo, outubro de 1972.

¹¹⁶ Ferrante, op., cit., 1972.

¹¹⁷ Glissant, op., cit., 2005, p. 75

depois para exaltar as ideias dos colonizadores em detrimento do que os “nativos” têm para expor.

Se o seringal, a floresta, é um espaço de punições, como explicar as seguintes passagens? Como considerar em meio a tantos sofrimentos a expressão espontânea e alegre de alguns personagens? “As vozes e os risos de quase uma dezena de mulheres (...)”.¹¹⁸ “Estrugiram as risadas”.¹¹⁹ “A alegria já era ruidosa, quando regressaram os homens que tinham ido cavar a cova”¹²⁰. “Alguém lembrou, então, que bem que poderiam aproveitar o momento para uma ‘função’”.¹²¹ “Voltaram a dançar”¹²² “As gargalhadas espocaram”.¹²³ Com essas passagens percebemos que por trás dos problemas havia saída, havia momentos de alegria embalados pela própria cultura dos moradores da floresta.

Não se pode negar que havia um rastro de “escravidão” nos seringais. Uma escravidão por dívidas, como se houvesse a real “venda de um homem”,¹²⁴ um trabalho sem escolhas, sem senzala, embora contasse com o “tronco” sempre que algum seringueiro tentava uma fuga e assim produzia-se como “natural que ao fim de alguns anos o freguês *estivesse*¹²⁵ irremediavelmente perdido. A sua dívida (...) que não pagará nunca”.¹²⁶

É importante percebermos que nesse cenário em que os sujeitos encontram-se em constante e intensa disputa pela terra – sua posse e uso – territorializando-a, marcando-a de diferentes maneiras, o homem negro sofre duplamente. Além de penitenciado pelas condições de vida na floresta, assim como os demais sujeitos sociais, ele precisa enfrentar a ideia de que suas identidades foram produzidas com base naquilo que os não-negros querem negar, artefato de uma herança política colonialista e escravocrata. Muitos estudiosos do século XIX viam “no Brasil um ‘modelo da falta e atraso’ em função de sua composição étnica e racial”¹²⁷ e dessa forma passaram a julgar o negro e a miscigenação do povo brasileiro como ameaça para o progresso de uma nação dentro da lógica brasileira.¹²⁸

Pensar nos caminhos trilhados por *Miguel Ferrante* em *Seringal*, *José Potyguara* em *Terra Caída* e *Ferreira de Castro* em *A Selva*, ao constituírem seus personagens, é

¹¹⁸ Ferrante, op., cit., 2003, p. 25.

¹¹⁹ Ferrante, op., cit., 2003, p. 26.

¹²⁰ Ferrante, op., cit., 2003, p. 32.

¹²¹ Ferrante, op., cit., 2003, p. 32.

¹²² Ferrante, op., cit., 2003, p. 34.

¹²³ Ferrante, op., cit., 2003, p. 34.

¹²⁴ Cunha, op., cit., 1999, p. 13.

¹²⁵ Grifo nosso.

¹²⁶ Cunha, op., cit., 1999, p. 15.

¹²⁷ Schwarcz, Lílían Moritz. *O espetáculo das raças*, 1993, p. 36.

¹²⁸ Schwarcz, op., cit., 1993, p. 36.

refletir sobre suas trajetórias e como elas colaboram para a construção, nesses espaços e tempos, de fragmentações relacionadas às identidades negras na Amazônia dentro das obras, já que as identidades ou a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente”.¹²⁹ E a partir disso, consideramos que a história só se constrói com a participação ativa dos sujeitos que dela fazem parte e que, por meio dela, percebemos quais as implicaturas que envolvem os enunciados porque só podemos compreender a história – de lugares e de sujeitos – se entendermos de que lugar parte o debate sobre ela, já que “uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram”.¹³⁰

Ao analisarmos os romances escolhidos para este trabalho consideramos que “uma obra de arte literária não é um simples objecto, mas antes uma organização altamente complexa, de carácter estratificado, com múltiplos significados e relações”.¹³¹ Apenas desse modo poderemos analisar o discurso ficcional narrativo como detentor de uma infinidade de vozes, portanto uma infinidade de possibilidades e de construções mentais sobre a natureza, a sociedade e os sujeitos sociais.

O discurso polifônico presente na literatura é engendrado a partir da multiplicidade de consciências presentes nas tramas e que participam dos enredos em pé de igualdade. As condições de produção desses discursos são importantes reveladoras dos sentidos pretendidos pelos seus autores. Podemos então observar que por trás do enunciado há sempre um sentido que é marcado pelas condições de produção de tempo e espaço dos sujeitos. Essas condições é que definem os objetivos das práticas discursivas constituídas historicamente.¹³²

Esses sentidos são produzidos pela lógica discursiva, mas são compreendidos com a ótica particular do leitor. Cada pessoa, ao ler um texto, o interpreta de um modo diverso, por isso mesmo, subjetivo. Além disso, ao escrever um texto, cada autor o faz a partir de seu lugar e de suas condições de produção, mostrando que, dependendo do lugar de onde parte o debate, as interpretações são deslocadas e posicionamentos são assumidos.

Nessa perspectiva, observamos os romances e percebemos entre eles alguns pontos em comum dentre os inúmeros caminhos e particularidades presentes nas obras. Embora *Seringal* procure refletir o cotidiano dos seringais amazônicos, assim como *A Selva* e *Terra Caída*, é importante verificar que cada romance reflete também a visão de

¹²⁹ Hall, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2003, p. 13.

¹³⁰ Fernandes, Cleudemar Alves, *Análise do discurso: reflexões introdutórias*, 2005, p. 48.

¹³¹ Wellek & Warren, *Teoria da literatura*, 1955, p. 30.

¹³² Gregolin, Rosário, *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*, 2004, p. 59.

mundo de seu autor e, por isso, suas condições de escrita são diversas e ímpares. É fato que uma preocupação comum aos autores foi refletir nos romances diversos aspectos culturais e sociais como os procedimentos descritos quando morre ou nasce algum morador dos seringais, nos casamentos, batizados, na comida, nas relações entre os homens e entre estes e os animais. Enfim, todos esses pormenores têm um modo muito característico de tratamento:

A espingarda é o sino do seringal, detonando pelo nascimento e pela morte. Atira-se para anunciar a vinda de um novo ser ou o desaparecimento de uma vida. Na sua barraca ou na estrada de seringa, o seringueiro recebe o aviso pelas detonações. Se nasce mulher, dois tiros. Se for homem, três. Se alguém morre, cinco vezes a arma é disparada.¹³³

(...) Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefacto. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepando num caixote, com a roupa descomposta.¹³⁴

Nesses trechos, *Ferrante* e *Castro* procuram apresentar peculiaridades culturais, que entre outras, são comuns a muitos dos seringais amazônicos: o anúncio de morte ou nascimento de alguém e as relações (neste caso, sexuais) do homem com os animais. No entanto, é necessário observar que não é por acaso que há essas narrativas; elas são fruto da preocupação em produzir/propagar uma idéia de cultura constituída pelos povos amazônidas, a partir de suas referências e conhecimentos de mundo, mas com resquícios de ligações estreitas com outras culturas, em especial com a lógica e a mentalidade, forte e conflituosamente internalizada daqueles que colonizaram a Amazônia.¹³⁵

A percepção dos romancistas acerca das relações estabelecidas no seio da floresta é resultado de suas visões e de suas impressões construídas ao longo de suas vidas, seja em seu contexto pessoal, profissional ou intelectual. Enfim, o que consideramos é que o processo de criação de cada autor ao criar um romance é muito particular porque parte da sua visão a respeito do mundo que o cerca.

Desse modo, é importante pensarmos na trajetória do autor de *Seringal*, Miguel Jeronymo Ferrante, a partir de suas particularidades. Filho de José Ferrante e Maria Ferrante, o autor nasceu em Rio Branco, em 03 de março de 1920, em um cenário de recém incorporação do Acre ao território brasileiro e viveu em terras acreanas por quarenta e três anos.

¹³³ Ferrante, op., cit, 2003, p. 32.

¹³⁴ Castro, *A selva*, 1977, p. 123.

¹³⁵ Said, op., cit., 1995, p. 28.

Anteriormente à escrita de *Seringal*, Ferrante diplomou-se pela Faculdade de Direito do Pará, em 1945. O apogeu de sua carreira jurídica deu-se na década de 1980, quando chegou a Ministro do Superior Tribunal de Justiça, tendo exercido, antes, diversos cargos como: Assistente Jurídico, Assessor de Gabinete do Ministro de Justiça, Consultor Jurídico, Juiz do TRE, além de outros.¹³⁶

Ferrante, tendo nascido no Acre e estudado no Pará, estados amazônicos, teve certa ligação com a floresta por significativa parte de sua vida, embora não tenha chegado a conhecer de perto o que foi o cotidiano de um seringal e todas suas características. Mas, como morador da região, é possível ter uma dimensão muito mais aguçada do que é a Amazônia com suas características e peculiaridades.

É importante refletir como o autor de *Seringal* teve sua formação consolidada a partir do cenário em que vivia. Quais ideias o influenciaram como sujeito/autor e o levaram a cristalizar conceitos e posições dentro de suas obras? Já que consideramos que os sujeitos são influenciados pelo meio em que vivem à medida que interagem e colaboram para sua construção, também consideraremos que contextos social, cultural, geográfico, entre tantos, são fundamentalmente colaboradores da construção da identidade de um sujeito romancista e de suas ideologias, uma vez que nessa relação simbiótica ambos – contexto e sujeito – são influenciados.

Alfredo Bosi nos alerta para essa simbiose, ao mostrar que o *tom* de um texto é delineado a partir de sua relação com a memória social:

Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros.¹³⁷

Bosi suscita a inevitável presença das influências sociais sofridas por um autor na criação de sua obra. Não podemos ignorar que por meio de tais matizes nos é possível considerar interpretações que poderiam permanecer latentes em muitos textos, já que, ainda segundo Bosi, “nenhum elemento linguístico traz, em si mesmo, um poder de inteligibilidade para a compreensão de um texto”.¹³⁸

A primeira edição de *Seringal* foi publicada em 1972, momento em que o Brasil enfrentava grandes crises de segregação de seus direitos e de sua democracia e que buscava

¹³⁶ Prefácio à 3ª edição de *Seringal*, 2007.

¹³⁷ Bosi, Alfredo, *Céu, inferno*, 2003, p. 467.

¹³⁸ Bosi, op., cit., 2003, p. 472.

resgatar sua identidade. Nesta década, a literatura brasileira buscava falar do país remetendo-se a sua identidade cultural. Procurava-se escrever aos brasileiros na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores.

Essa pode ser a primeira pretensão do autor ao escrever *Seringal*: buscar representar uma identidade acreano-amazônica ufanista e influenciada pelos cânones nacionais por meio do discurso literário. Nesse sentido Hall indica que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.¹³⁹

Especialmente a partir desse viés identitário do sujeito romancista é que podemos perceber a construção histórica do negro na obra de Ferrante, situando seu discurso junto a posições sociais e históricas passadas, uma vez que os discursos proferidos, inclusive os literários, não se constroem impunemente e sim como resultado da história de vida de um sujeito.

A literatura do período dialogava com as diversas representações acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas. A questão racial não era explorada de maneira latente no fim do século XIX, mas sim de modo a deixar evidente como os cientistas da época olhavam para o homem negro. Schwarcz esclarece qual era a concepção de raça para os *homens de ciencia* que faziam parte da elite intelectual do século:

Assim, interessa compreender como o argumento racial foi política e historicamente construído nesse momento, assim como o conceito *raça*, que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação sobretudo social.¹⁴⁰

De acordo com Gilroy, surgiram padrões perigosos e destrutivos desde o momento em que “se elevou o absurdo racional da ‘raça’ a um conceito essencial e dotado de poder único para determinar tanto a história quanto seu desdobramento seletivo”. Para esse autor, “negros e brancos estão presos conjuntamente pelos mecanismos de ‘raça’ que

¹³⁹ Hall, op., cit., 2000, p. 109

¹⁴⁰ Schwarcz, op., cit., 1993, p. 17.

alienam uns aos outros e amputam sua humanidade comum”. Mais ainda, voltando-se para o debate que perpassa o campo científico e as opiniões coloquiais do dia-a-dia, afirma que:

o termo ‘raça’ conjura uma variedade peculiarmente resistente de diferença natural, esteja ele articulado nas mais especializadas línguas da ciência biológica e da pseudociência, ou no idioma vernacular da cultura e do senso comum.¹⁴¹

Importa notar que, não obstante às pertinentes questões apresentadas por Gilroy, muitos daqueles homens que se colocaram no debate da questão racial enfatizaram que, por ser o Brasil um país híbrido do ponto de vista racial, conotava uma situação de atraso e que poderia deixá-lo sempre em situação de inferioridade, ou seja, os cientistas do século XIX viam “no Brasil um ‘modelo da falta e atraso’ em função de sua composição étnica e racial”.¹⁴²

Esse caminho percorrido pela sociedade ao olhar para o homem negro interferiu na construção da formação do restante da população do país e do exterior, também ajudado pela literatura. Em muitos textos da literatura brasileira, o negro era um personagem quase ausente ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica.¹⁴³ Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial e do papel de subserviência. Em *Seringal*, esse fato não foge à regra e também é sugerido em diversas passagens:

A cozinheira aproximou-se. Uma preta gorda, atarracada e de expressão bondosa, metida numa espécie de camisola quase arrastando pelo chão, de mangas cavadas, que lhes deixavam a descoberto os braços curtos e roliços.¹⁴⁴

Temos já no início de *Seringal* a referência a negros que viviam no Seringal *Santa Rita*, comandado pelo Coronel Fábio Alencar. Dolores era negra, cozinheira da casa do Coronel e tinha, além dessa, outras funções como a de cuidar dos afilhados do patrão. Como grande parte das personagens negras dos romances ora analisados, Dolores é uma personagem que não tem voz e está ausente dos principais acontecimentos que regem o *Santa Rita*.

¹⁴¹ Gilroy, *Entre Campos*, 2007, p. 32-50.

¹⁴² Schwarcz op., cit., 1993, p. 36.

¹⁴³ Proença Filho, *A trajetória do negro na literatura brasileira*, 2004, p. 185.

¹⁴⁴ Ferrante, op., cit., 2003, p. 26.

De início se vê que, na obra de Ferrante, o contexto espacial e social do negro é de submissão. Representação espacial que, a nosso ver, reflete um momento histórico condizente com as influências do autor sobre o assunto. Essa tentativa de apagamento do negro das cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição. Tal postura dos textos da época reflete uma mentalidade dominante, voltada para os ideais de “progresso” e “civilização” impostos pela lógica do Estado moderno.

Apesar de a literatura procurar refletir, através da marginalização dos personagens negros, um posicionamento “aristocrata” em relação ao grupo, não podemos dizer que eles são silenciados totalmente ou que não existam na obra de Ferrante. A presença negra é marcada constantemente pelos personagens que, embora limitados às ações que lhes são “permitidas”, estão presentes.

Alguns autores corroboram essa perspectiva do silenciamento dos negros na literatura apontada por nós, como sendo de um viés histórico e europeizante. Em *As tias baianas tomam conta do pedaço*,¹⁴⁵ Mônica Velloso indica uma forte tendência da burguesia em afastar dos grandes centros urbanos que se formavam na época, as manifestações populares e os hábitos que eram tidos como foco de agitação e resistência à nova ordem imposta: a “civilização”, embora baseada em ideais colonizadores que eliminavam as minorias. Nessa situação, o negro era percebido como herdeiro de uma ordem social ultrapassada, ligada à pobreza e à ignorância. Certamente essa ordem deveria ser substituída pela modernidade européia, calcada na ideia de progresso.

A escravidão era lembrada com a presença dos negros e representava uma marca vexatória do passado, de um país atrasado, marca imposta pelas próprias elites que queriam apagá-la. Dessa forma, a figura do negro, com seu corpo, suas práticas, suas crenças, valores, cultura, religião, enfim, com sua história constituiria a presença incômoda da antiga ordem escravocrata, incompatível com o projeto de um país dito civilizado, uma vez que a ideia “do projeto modernizador é a obtenção da homogeneidade”.¹⁴⁶ Esse conceito de modernidade vai ao encontro do que Schwarcz nos aponta sobre o que era o “perigo” da mestiçagem no Brasil.

Em 1963, Miguel Ferrante concluiu a escrita do romance *Seringal*, época em que, no Brasil, se percebe o movimento social dos negros envolto por dois momentos históricos: de um lado, podemos descrever uma tradição de organização social do meio negro que remonta ao período colonial como uma trajetória vista com uma relativa independência e

¹⁴⁵ Velloso, “As tias baianas tomam conta do pedaço”, In: Estudos Históricos – 6 – Cultura e Povo, 1990.

¹⁴⁶ Velloso, op., cit., 1990, p. 208.

com identidade própria. De outro, podemos ver o início de um movimento negro moderno, ou seja, aquele que surgiu no contexto do declínio do regime militar, a partir dos anos 70, ocasião em que o quilombo de Palmares passou a ser re-significado no Brasil, concomitantemente à publicação do romance.¹⁴⁷

Foi nesse contexto de narrativas sobre a organização política no meio negro que pesquisadores, acadêmicos, ativistas negros e defensores do estatuto negro estimularam reflexões sobre a história de organização e resistência dos afro-descendentes no Brasil. A utopia (em seu sentido primeiro) afro-descendente passa a incorporar um modelo histórico de referência no passado como possibilidade para o futuro. Porém, na contramão do movimento negro, o que transparece na trajetória dos negros de *Seringal* é a mesma subordinação imposta pela escravidão inicial da política cultural dominante.

Mesmo às vésperas da inauguração de um novo fato político que instigava a população a discutir novas posturas sociais, Ferrante manteve-se inerte e omissivo, talvez por considerar a discussão desnecessária e vazia de significados. O autor faz a primeira referência a um negro em sua obra no segundo capítulo, quando fala no personagem *Raimundão*, braço direito do coronel: “A mãozorra negra esparramada sobre o ombro frágil guiou-o (...)”.¹⁴⁸ Esse discurso de adjetivação não tenta encobrir – ao contrário – reflete um quadro de estereótipo e preconceito com o qual o “outro” é representado.

Esse tipo de discurso contribui para a marginalização da presença negra e para uma limitação dentro da literatura que não é justificada por nenhuma característica que não a cor da pele; e a obra de Ferrante possui recorrentemente essas passagens, como “cala essa boca do inferno, preto ordinário!”¹⁴⁹ e tantas outras que evidenciam o quanto o lugar do negro na obra está bem marcado.

Raimundão é um personagem paradoxal em *Seringal* porque representa duas facetas. Ao mesmo tempo em que é capacho do coronel, cumprindo suas ordens e até se divertindo com isso, e ele mesmo humilhando os demais que vivem no *Santa Rita*, é “bode expiatório”, já que é responsabilizado por tudo que ocorre de errado e por todas as “desgraças” que incentiva ou não consegue impedir: “Raimundão que era um cão aos pés do coronel, adivinhando-lhe as mínimas variações de humor, metia à bulha aquelas demonstrações de amizade.”¹⁵⁰ Vemos abaixo exemplo de como o personagem era tratado:

¹⁴⁷ Mattoso, *Ser escravo no Brasil*, 1990, p. 236.

¹⁴⁸ Ferrante, op., cit., 2003, p. 25.

¹⁴⁹ Ferrante, op., cit., 2003, p. 26

¹⁵⁰ Ferrante, op., cit., 2003, p. 140

Com o Raimundão é que foi o diabo. Cheirou a chifre queimado. O Coronel cobriu ele de peia. Ele mesmo chegou o couro do negro. O velho vermelho de raiva e o infeliz se arrastando no chão como um cão perdido, chorando que nem mulher, gritando que era mentira, que não tinha feito nada. Valendo-se de Dona Clara. Rogando por todos os santos do céu. E o relho subindo e descendo, tirando lascas da pele ruim...¹⁵¹

Esse tratamento evidencia que o prestígio de *Raimundão* era limitado ao humor do seu patrão. Ou seja, aqui vemos mais uma vez, a representação do poder com base na relação binária e hierarquizada de mando-obediência como sinônimo de branco-negro. Longe de haver um maniqueísmo determinado por parte de Ferrante, já que não podemos ao menos considerar que para o autor haja dois lados, o que se vê é *Raimundão* numa posição de mero “objeto”, sem ter por consideração a estima que ele mesmo e outros personagens consideravam possuir do *Coronel*. Além disso, os adjetivos atribuídos ao personagem não partem somente do patrão, mas de outros trabalhadores do Seringal *Santa Rita*, como *Lina*: “_ Bem feito, quem mandou meter a colher no pirão alheio! Aquele preto bandido estava merecendo mesmo uma surra!”.¹⁵²

A partir dessa questão, pensamos que o contexto da escrita de *Seringal* impelia a uma valorização da noção de “raça” negra. Novamente somos levados a ressaltar que “raça” se apresenta não como um discurso científico, em que os homens são diferenciados entre si por conta de um fator genético:

A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro.¹⁵³

O autor nos mostra, ao discutir identidade nacional, que tem sido uma “crença generalizada”¹⁵⁴ considerar “raça” como uma categoria biológica, o que tenta justificar a atribuição da inferioridade dada aos negros. Para ele “‘Raça’ é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão – ou seja, o racismo”.¹⁵⁵

¹⁵¹ Ferrante, op., cit., 2003, p. 42.

¹⁵² Ferrante, op., cit., 2003, p. 42.

¹⁵³ Hall, op., cit., 2003, p. 63.

¹⁵⁴ Hall, op., cit., 2003, p. 62.

¹⁵⁵ Hall, *Da diáspora*, 2003, p. 66.

Desse modo, compreendemos que valorizar uma característica física reforça uma ideia que temos a respeito do outro e achamos que “supostamente estamos descrevendo”.¹⁵⁶ Para contribuir, outro momento em que o personagem Raimundão é citado ainda no segundo capítulo:

Exclamou Raimundão:
_ Já está arranjado. Agora é crescer que costela já tem.
Estrugiram as risadas. Toinho encolhia-se aparvalhado, o bando de mulheres a olhá-lo, a apalpá-lo como um bicho, e o preto a chasquear, o riso alvar pondo-lhe à mostra a fileira de dentes brancos e fortes.¹⁵⁷

Esse trecho é contundente para destacarmos a característica pela qual o negro foi representado como animal irracional. Avaliamos de tal maneira esses trechos porque desde o início problematizamos como os negros estariam representados pelas narrativas dos romances e, a partir delas, delinea-se um quadro pejorativo em que os discursos dos romancistas assumem posturas que valorizam os representantes do centro em detrimento daqueles que são considerados à margem das relações sociais de prestígio.

É importante verificar que em diversas passagens o narrador do romance *Seringal* é recorrente ao se referir aos negros usando os adjetivos preto ou negro para destacar a cor da pele: “Quando o preto saiu...” “Antônio Louro dançava com a negra Felismina”. “A negra sestrosa...” “(...) Raimundão, aquele preto bandido...” “(...) Ele mesmo chegou o couro do negro”. “(...) na esperança de que tudo aquilo era invencionice da negra (...)” “E a negra a afirmar e a reafirmar”. “(...) o coronel enraivecido espancando o negro”. “Já não ouvia o fio da voz da preta (...)” “E sob o olhar espantado da preta (...)” “O preto tem reza segura (...)” “A resposta do negro vem como um eco”. “É o negro Limírio Coruja a subir os degraus preparados na terra, que dão até o rio. Grita”. “Agora, ali está o negro a pedir-lhe a mulher do outro”. “Soube pelo negro que o padre fora visitar os doentes (...)”.¹⁵⁸

Desse modo, temos alguns exemplos presentes no romance que comprovam a insistente adjetivação como necessidade de estereotipar, de marcar e afirmar um discurso que busca separar os negros ou considerados negros, daqueles que não eram. Em que posição podemos então considerar que se encontram os negros de *Seringal*? Hall nos alerta que a insistente adjetivação a respeito de um sujeito objetiva, através desse ato linguístico, confirmar aquilo que se pensa sobre ele. Não é uma simples descrição, como já afirmamos, mas a produção inventiva de sua identidade, que parte de um processo de recorte e

¹⁵⁶ Hall & SILVA, *Identidade e diferença* 2003, p. 93.

¹⁵⁷ Ferrante, op., cit., 2003, p. 26.

¹⁵⁸ Ferrante, op., cit., p. 27-122.

colagem do meio social em que está inserido o enunciador para o discurso específico que ele produz.¹⁵⁹

No romance *Seringal*, também podemos perceber que algumas características físicas são destacadas nas mulheres negras, com o intuito de exaltar sua graciosidade, sexualidade e libido: “... Sob o riso e motejos das outras, a negrinha aproximou-se dele, toda ancha e puxou-o pela mão” ou “... Ressoaram os aplausos. Romperam os chistes. A negra sestrosa ria, um riso largo e gostoso, mostrando os dentes alvos”.¹⁶⁰ Nesses trechos, as duas personagens negras, *Jovina* e *Felismina*, duas das poucas mulheres moradoras do seringal, são descritas como espaçosa e manhosa respectivamente.

A sexualidade da mulher negra vem sendo destacada ao longo dos anos em todo o Brasil de maneira muito evidente. Geralmente a sociedade olha para as mulheres negras de modo a exaltar suas características físicas e sexuais, enfatizando esse tema em letras de músicas, piadas, poemas, programas de TV, carnaval e desse modo pulverizando na sociedade a ideia de que a mulher de pele negra necessariamente tem a sensualidade à flor da pele e está de certo modo, disposta a ser usada como objeto para todos os tipos de fantasias.

As personagens de *Seringal* também são olhadas dessa forma pelo autor e a cobiça sobre seus corpos é evidente ao ter seus atributos exaltados. Essas representações remetem ao modo como as mulheres negras são tratadas e consideradas pelos senhores e pelos seus iguais. A sexualidade que envolve essas mulheres não é vista sempre como algo proibido, pecaminoso e excessivo.

A lógica de desejo pela mulher negra é a de mulata que possui o molejo que nenhuma outra mulher tem, talvez porque tenha trazido para o Brasil seus costumes da África, sua cultura dentro dos porões dos navios negreiros, e com isso, menos roupa do que a sociedade brasileira da época da escravidão estava habituada. Essa sociedade, composta por europeus, passou a conceber as mulheres africanas como mais “quentes”, espaçosas e dispostas. O autor de *Seringal* fomenta estereótipos pelos quais produzia-se imagens sobre as mulheres negras, tratadas como risonha, faceira, ferosa, enfim, estigmatizando-as de diversas formas.

Jovina reaparece no capítulo IX relatando a *Toinho* o assédio do afilhado do coronel à *Paula*. Percebemos aqui, mais uma vez, que os negros estão à margem das relações sociais estabelecidas dentro do seringal. Apenas aparecem em meio a conversas

¹⁵⁹ Hall & Silva, op., cit., p. 95

¹⁶⁰ Ferrante, op., cit., p. 27-34

de “comadres” e festas dos seringueiros, jamais participando de algum diálogo junto das figuras que habitam o centro das decisões do seringal. Esse fato fica explícito quando *dona Clara*, mulher do *Coronel*, insiste em colocar uma escola no seringal *Santa Rita*. As crianças e os pais vêm na escola uma esperança de vida melhor, mas logo se desiludem com a novidade: “Mas, aos poucos, a notícia foi perdendo o sabor gostoso das novidades. Os planos e os sonhos foram-se desfazendo, esquecidos no ramerão da vida. A escola entrou na rotina das inutilidades”.¹⁶¹ E ainda:

Crianças sem infância, sem adolescência. Crianças velhas. Não conhecem o A. Mas usam a faca e disparam a espingarda com segurança. Atiram com precisão matemática. Muitos já cortam seringa. Magros, empapuçados, desnutridos. Contentam-se e hão de contentar-se sempre com pouco: um pedaço de jabá, um punhado de farinha d’água; arroz e feijão nos bons dias.¹⁶²

Aspecto relevante na forma – e no conteúdo – do texto de Ferrante é uma certa percepção amazonialista que permeia sua visão e a de muitos outros estudiosos que trataram dessa questão: o homem comum aparece em meio a uma natureza grandiosa delineando seus traços psicológicos, suas práticas, suas habilidades, suas existências; o homem “coisificado” como “vítima”, “famélico”, “Judas asvero”, “empapuçado”, “desnutrido”, “ordinário”, “solitário”, “primitivo”, “segregado”.

Essa segregação que aparece de múltiplas formas também é muito bem marcada em *Seringal* quando nos damos conta da história de *Paula* e de todo seu sofrimento após ter sido violentada sexualmente por *Carlinhos*, afilhado do coronel *Fábio* e filho do prefeito de Rio Branco. Segundo o narrador, o rapaz ao passar uma temporada no Seringal *Santa Rita* foi “acirrado” por *Raimundão*, “aquele preto bandido”¹⁶³, a violentar *Paula*. Ou seja, o “mau-feito” de um branco é justificado, uma vez que a culpa, segundo o coronel, foi do negro, *Raimundão*:

Vai daí, num dia desse, tem uma semana já, o Raimundão, aquele preto bandido, deu um conselho pra ele: ‘Burro a gente amansa a pau, seu Carlinho, não é com agrado, não’. Mas seu Carlinho não tinha coragem. Então o Raimundão – peste de negro! – preparou uma bebida pra ele, uma cachaça com mel de abelha pra ele se animar. Seu Carlinho ficou agitado que nem oirana na ventania. E foi aquele escarcéu. Coitada da menina... E na frente da entrevada...¹⁶⁴

¹⁶¹ Ferrante, op., cit., p. 48.

¹⁶² Ferrante, op., cit., p. 49.

¹⁶³ Ferrante, op., cit., p. 41.

¹⁶⁴ Ferrante, op., cit., p. 41.

Seringal e seus personagens produzem representações nada ingênuas sobre valores, cotidiano, identidade, cultura e sujeitos de uma dada Amazônia, urdida pelas letras de seu enredo, sua narrativa repleta de coisas do lugar no mundo, das conjunturas em que foi escrito e das múltiplas subjetividades de seu autor.

A partir daí consideramos que a obra literária é responsável pela criação de imagens sobre o mundo, os sujeitos e suas relações. E, para nós, o que consideramos na obra de *Ferrante* é uma representação estereotipada a respeito dos personagens negros e, evidentemente do “outro” na sociedade por ele vivida ou idealizada. Nesse sentido, ganha importância a reflexão de Édouard Glissant a respeito da literatura, quando este pondera que:

(...) nos dias de hoje, essa é uma das tarefas mais evidentes da literatura, da poesia, da arte, ou seja, a de contribuir, pouco a pouco, para levar as humanidades a admitirem “inconscientemente” que o outro não é o inimigo, que o diferente não me corrói, que se eu me transformo em contato com ele, isso não significa que me diluo nele, etc.¹⁶⁵

Ainda segundo o autor, a identidade é algo móvel, que se mistura, que não é fixa nem intolerante e que se desenvolve a partir das nossas relações com o outro e não da exclusão. O outro, em *Seringal*, é o negro, fazendo-se necessário encará-lo no âmbito de uma “identidade rizomática”, ou seja, a que se articula, mistura, troca com outros numa constante, conflituosa e dinâmica relação. Em Glissant aparece a crítica a um conceito ocidental de que “(...) toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro”¹⁶⁶.

A identidade em *Seringal*, exclui, segrega, é singularizada, fechada, negadora da possibilidade de se ver o “outro”, ou melhor, os “outros”, na proporção em que a diversidade é peculiar à Amazônia. Nos identificamos, porém, com as considerações de *Glissant*, para quem:

Essa visão da identidade se opõe à noção hoje ‘real’, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única mas como raiz indo ao encontro de outras raízes.¹⁶⁷

Desse modo, consideramos que a identidade se produz nas relações de troca que mantemos com os outros e na tolerância que emerge dessas relações, uma vez que

¹⁶⁵ Glissant, op., cit., 2005, p. 69.

¹⁶⁶ Glissant, op., cit., 2005, p. 27.

¹⁶⁷ Glissant, op., cit., 2005, p. 27

podemos nos considerar como parte de todos os outros e os outros como parte de nós. Glissant admite ainda ser mais fácil “excluir o outro como participante”¹⁶⁸ na formação das comunidades, já que o outro nos coloca de frente com a imprevisibilidade que surge em meio a esse tipo de relação. Em *Seringal*, o estranhamento finda como a ponta de lança para não aceitar essa “poética da relação”.

¹⁶⁸ Glissant, op., cit., 2005, p. 75

3. REPRESENTAÇÕES ESCRITAS SOBRE A AMAZÔNIA E OS NEGROS NA “TERRA CAÍDA” E NA “SELVA”

O segundo romance deste trabalho é *Terra Caída* (1961), de José Potyguara da Frota e Silva, nascido em Sobral, Ceará, em 1903. Este autor cearense, ainda jovem, mudou-se para Tarauacá, no Acre (então Território Federal), onde trabalhou como promotor público – cargo que também viria a exercer em Feijó e Rio Branco.¹⁶⁹ Assim como Miguel Jeronymo Ferrante, Potyguara formou-se na área de direito e também tornou-se autor de obras literárias que abordam a temática amazônica. A experiência de vinte e dois anos no Acre resultou no livro de contos *Sapupema* (1943) e nos romances *Vidas marcadas* (1957) e *Terra caída* (1961), ocasião em que recebeu das mãos do então governador Jorge Kalume o título de cidadão acreano por seus relevantes serviços prestados ao Estado do Acre.¹⁷⁰

Nos anos 1950, Potyguara mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi diretor de pessoal no Ministério da Viação (antigo nome do Ministério do Interior) durante o governo Gaspar Dutra. Com a transferência do Ministério para Brasília, viveu por oito anos na capital federal, radicando-se definitivamente no Rio de Janeiro e lá escreveu o romance *Do Seringal ao Asfalto*. Morreu em 1991, aos 88 anos, no Rio de Janeiro.¹⁷¹

Potyguara escreveu *Terra Caída* em 1961, após já ter vivido por 22 anos em terras acreanas em um contexto que seguramente o influenciou. O romance é dedicado a seu pai, *Hipólito de Albuquerque Silva*, nordestino que viveu 50 anos no Acre, na condição de: “... Empregado, gerente de seringal e prefeito de município...”, como ressalta o autor em trecho da dedicatória, destacando, de modo bastante significativo, seu próprio lugar no “universo acreano” e, inevitavelmente, parte da perspectiva que acompanha suas visões sobre a região.

¹⁶⁹ Prefácio da 2ª edição do romance “Do seringal ao asfalto” – de José Potyguara.

¹⁷⁰ Lei n.º. 161, de 18 de dezembro de 1967, que dispõe sobre as funções gratificadas do governo e outras providências. Acessado em: www.ccej.ac.gov.br/leisordinarias.

¹⁷¹ José Potyguara, nota à 3ª edição do livro *Terra Caída*, 1997.

Terra Caída aborda o mesmo universo de *Seringal*. Seus personagens principais são os cearenses *Chico Bento*, *Zé Rufino* e *Policárpio*, que, segundo o autor, fogem da seca em suas terras e se embrenham na floresta, anunciando a incorporação do discurso oficial que marca a “saga” da “colonização nordestina” no Acre. Na obra, o autor produz representações sobre suas experiências vividas, mas, também, acerca do que ouviu falar sobre o modo como os diversos trabalhadores – cearenses, paraibanos, entre tantos outros – “deslocaram-se” para a Floresta Amazônica com a esperança de uma vida melhor que a vivida em suas terras:

Potyguara faz-nos lembrar os postulados de Erich Auerbach, um dos maiores ensaístas contemporâneos, ao discutir ângulos e significados aplicados a gente e lugares da vida real pintados em romances e novelas. (...), já se admite a velha afirmativa de que a vida copia a arte.¹⁷²

Sem entrar no mérito de alguns paradoxos aí presentes, esse comentário nos possibilita dialogar com o fato de que Potyguara se fundou em alguns “vínculos” que possuía com a floresta para escrever seu romance, o que se evidencia com a presença de detalhes sobre a natureza narrados em toda a obra, sem deixar de atentar para o fato de que suas visões sobre a natureza, de um modo em geral, e a floresta amazônica, em particular, são carregadas de noções preestabelecidas e conceitos estereotipados há muito “massificados” nos relatos de viagens, histórias, romances e poemas sobre a região e os seres humanos que aí viviam.

Não é por acaso a recorrência a questões como: na floresta os recém-chegados irão enfrentar as novidades impostas a eles pelo sistema e pela própria natureza; o regime de semiescravidão dos coronéis e de seus capatazes para a extração da borracha; as particularidades climáticas de uma floresta tão ímpar e original, temáticas essas que procuravam “retratar” a Amazônia e o sistema de trabalho que os seringueiros viviam.

Dos três romances em discussão, *Terra Caída* se estabelece como o mais intenso e vibrante para nós por apresentar, como nenhum outro, algumas particularidades amazônicas, narrando, de forma pormenorizada, situações nas quais o autor procura contextualizar a floresta e a saga de milhares de trabalhadores de diversas partes do país e do mundo, protagonistas do chamado “ciclo da borracha”, que se iniciou no século XIX, período no qual foram “atraídos” de todo o Brasil e de outras partes do mundo para a região amazônica.

¹⁷² João Felício dos Santos. Prefácio do livro: *Do seringal ao asfalto*, de José Potyguara.

A trama é deflagrada pela chegada – a um seringal acriano – das famílias de Chico Bento e de seus amigos de profissão Zé Rufino e Policárpio, que migraram do Ceará para a região dos seringais, impulsionados pelo sonho de uma vida melhor: “De repente, o flagelo da seca, estorricando a terra, matando tudo de sede e de fome! O jeito era emigrar. Apareceu por lá um paroara contratando homens para os seringais”.¹⁷³

A chegada ao seringal marcou o início de novos sofrimentos: a fase duríssima de adaptação ao meio hostil; as doenças, as febres, as pragas de mosquito, a solidão da selva feroz e dominadora, agravando as saudades do sertão distante...¹⁷⁴

Esses trechos começam a delinear para nós a visão do autor a respeito, em primeiro lugar, da região que hoje chamamos de nordeste¹⁷⁵ e, depois, da Floresta Amazônica. Potyguara repetia a ideia já cristalizada, de que no Ceará o que imperava era a seca e que, por esse motivo, muitas famílias saíram de suas terras para a Amazônia, em busca de trabalho e água: ali, também, Chico Bento e sua família se deparam com doenças e tantas outras mazelas descritas na obra.

Além disso, essa descrição acena para a visão do autor a respeito da floresta e a coloca, assim como fez *Ferrante*, como protagonista da trama. Para *Potyguara*, a Amazônia é cruel e assassina: “Logo no primeiro mês, o impaludismo levou-lhe a filhinha mais nova”.¹⁷⁶ “A morte de outro filho de maneira tão trágica, quase enlouqueceu a mulher”.¹⁷⁷ Essa visão de “barbárie” não permite que os homens sejam vistos de modo superior à natureza, ao contrário, os coloca como “determinados pela natureza hostil”, “passivos”, no interior da selva.

A partir dessa chegada, *José Potyguara* cria vários núcleos narrativos, tendo como fio condutor os dramas individuais provocados, em sua maioria, pela “hostilidade” da natureza e por um injusto e “selvagem” sistema de exploração do trabalho, representado pelo coronel *Tonico Monteiro* e por *Tomaz*, seu homem de confiança. Desse modo,

¹⁷³ Potyguara, *Terra caída*, 1986, p. 02.

¹⁷⁴ Potyguara, op., cit., 1986, p. 04.

¹⁷⁵ O termo nordeste surge pela primeira vez no ano de 1919, vinculado às questões que diziam respeito às ações político-institucionais voltadas para o “combate da seca”. Durval Muniz de Albuquerque Jr., em sugestivo artigo intitulado “Enredos da tradição: a invenção histórica da região nordeste do Brasil”, ressalta que “longe de ser um processo linear e ascendente, em que a ‘identidade está desde o início assegurada e preservada’ é um começo histórico no qual se encontra a discórdia entre as práticas e os discursos; é um disparate. Essa figuração de uma origem linear e pacífica para o Nordeste se faz preciso para negar que ele é algo que se inventa no presente. Visa a negá-lo como objeto político-cultural, colocando-o como objeto ‘natural’, ‘neutro’ ou ‘histórico’ desde sempre”. Ver Larossa & Skliar, *Habitantes de Babel*, 2001, p. 139-141.

¹⁷⁶ Potyguara, op., cit., 1986, p. 04.

¹⁷⁷ Potyguara, op., cit., 1986, p. 29.

discordamos do autor, posto que hostilizantes são os donos dos seringais que submetem os homens que trabalham na extração do látex a condições inumanas.

A trama se desenvolve em meio a traições e mortes intensas e cruéis, mas também envolta por sonhos, esperanças, romances e paixões. Enquanto a luta por dinheiro e poder ganha formas chocantes, embora um pouco mais natural para os que vivem no seringal, os trabalhadores se alegram com os domingos de folga a que têm direito e com os visitantes que vez ou outra aparecem pela região. Nesse regime de trabalho semiescravo, no qual os trabalhadores se endividam com o patrão, sendo impedidos de deixar suas terras, “os seringais são como grandes senzalas verdes vigiadas por capatazes”.¹⁷⁸

A construção literária de Potyguara, articulando em suas representações os relatos presentes em conhecidos textos de historiadores e outros intelectuais sobre a região, a exemplo de Arthur Cezar Ferreira Reis, Roberto Santos e Leandro Tocantins, dimensiona parte de seu olhar sobre a região e as experiências sociais aí vivenciadas. “Oito dias de viagem num cargueiro, até Belém, e mais um mês e tanto na terceira classe de um gaiola imundo, repleto de retirantes”.¹⁷⁹

Além do percurso valorizado pelo autor, *Terra Caída* inicia sua trama com a apresentação dos personagens *Chico Bento* e do restante de sua família com uma resignação surpreendente, mesmo ante a morte dos filhos:

Ali mesmo, no aceiro da mata, ao pé de uma samaumeira, o pai cavou a pequena sepultura. Cumpriu o doloroso dever com a serena coragem dos fortes. Sofria, sim, e sofria muito. Mas soube conter-se, sem inúteis protestos, sem as blasfêmias nem as revoltas das dores descontroladas.¹⁸⁰

Mas, embora inicialmente descrito como paciente e resignado, para quem “nascimento e morte são fatos corriqueiros, determinados por Deus, que é o dono da vida”, em certas passagens, o seringueiro de Potyguara manifesta seus protestos e suas revoltas, mas, também, de forma latente, o duplo silenciamento/estigmatização do negro na região acreana, presentes em termos como: “mulato”, “pardo”, “marrom”, “escuro”, entre outros. Chico Bento não tentava fugir e obedecia as ordens do Coronel, mas enfrentava a situação e impunha suas condições: “– Tá bem, Coronel. O seringal é seu: eu obedeco. Só lhe peço um favor: Não quero que aquele mulato melado vá levar mercadoria pra mim!”.¹⁸¹ E ainda:

¹⁷⁸Potyguara, prefácio à 3ª edição de *Terra Caída*, 2007.

¹⁷⁹Potyguara, op., cit., 1986, p. 02.

¹⁸⁰Potyguara, op., cit., 1986, p. 02.

¹⁸¹Potyguara, op., cit., 1986, p. 19

“O senhor manda no seu seringal. Na minha barraca mando eu! Até outra vista, patrão!”¹⁸² Temos assim, a reação de um não tão conformado *Chico Bento*, que se alicerça no fato de não “engolir aquilo que a natureza engulha!”¹⁸³ para se impor diante da autoridade máxima do local.

Outra situação narrada por *Potyguara* e que merece nossa atenção é a apresentação do homem como um produto, uma mercadoria. Mulheres e homens tinham um valor comercial, que demarcava em que condições eles estariam dentro do grande comércio que era a extração da borracha. Isso se torna evidente por conta de alguns aspectos que o autor usa para “descrevê-los” durante a narrativa.

Em primeiro lugar, o autor retira a condição humana desses trabalhadores: “(...) além de duzentos homens, quase todos solteiros, transformados, pelo problema do sexo, em perigosas feras humanas”.¹⁸⁴ Essa comparação feita aos homens do seringal com “feras humanas” nos mostra que a visão a seu respeito dos mesmos, constituiu-se com base em estereótipos que propõem uma dimensão “primitiva”, “bárbara”, “não civilizada” aos modos de vida desses segmentos sociais. São encarados como seres que precisam ser “civilizados”, “amansados”, na proporção em que oferecem perigo às “mulheres sozinhas naquele ermo de floresta infestada de onças e de índios”¹⁸⁵ e claro, dos homens que trabalham na “zona braba”¹⁸⁶ do seringal.

Merece destaque que “onças” e “índios”, são mais uma vez apresentados no mesmo plano ameaçador, como seres da selva, “selvagens” e “primitivos”, “sem cultura”, corroborando sua visão daquilo que era agravante na vida de seus personagens – no interior do seringal – “as histórias de animais ferozes e de índios antropófagos”, fazendo da Amazônia – e aqui *Potyguara* utiliza-se de um singular bastante persuasivo, embora nada original – “um mundo misterioso, um degredo sob o domínio da morte, uma espécie de vestíbulo do inferno, que só os homens – e nem todos – ousavam conhecer”.¹⁸⁷

Além disso, as mulheres que iam para o seringal eram tratadas pelo autor como “objeto” dos instintos sexuais dos homens que lá viviam, já que, segundo ele, cada mulher que chega ao seringal é olhada com cobiça e desejo quase irracional devido à escassez da presença feminina no lugar, por conta do custo do transporte e hospedagem das famílias e

¹⁸² Potyguara, op., cit., 1986, p. 19

¹⁸³ Potyguara, op., cit., 1986, p. 19

¹⁸⁴ Potyguara, op., cit., 1986, p. 05

¹⁸⁵ Potyguara, op., cit., 1986, p. 19

¹⁸⁶ Potyguara, op., cit., 1986, p. 19

¹⁸⁷ Potyguara, op., cit., 1986, p. 04

as condições inóspitas que acabam transformando o seringal numa terra de homens solteiros.

Nesse aspecto, as palavras do autor/narrador colocam em cena uma das dimensões mais violentas não apenas da binária relação homem-mulher no ocidente, mas da relação branco-negro e, mais ainda, homem branco-mulher negra, cristalizada em suas representações sobre a vida numa certa Amazônia, ao relatar que, com a chegada de Chico Bento ocorrera um “rebuliço” no seringal, porque:

... em sua companhia, veio a mulher de Policápio trazendo a filha de vinte anos, linda morena, de olhos negros cismadores, dentadura perfeita e seios empinados, a provocar a cupidez de cento e muitos seringueiros sem mulher”.¹⁸⁸

O trabalho dentro dos seringais não era fácil. Extrair o látex das seringueiras e transformá-lo em pélas de borracha requeria “sacrifício” e “disciplina”. Não bastassem as condições de trabalho impostas a esses homens para realizar o trabalho, a remuneração quase inexistente fazia deles “verdadeiros servos”. Em certo momento do romance, *Chico Bento* toma consciência do trabalho que ele e os companheiros desenvolviam:

E Chico Bento põe-se a refletir na soma de sacrifícios que aquelas milhares de bolas negras custaram a ele e aos companheiros. Quanto suor derramado; quantas idas e vindas, palmilhando, diariamente, os mesmos varadouros úmidos e sombrios; quantas madrugadas; quantos dias de trabalho estafante, entrando pela noite na tarefa da defumação! E enquanto muitos arriscam a vida no centro da mata, o patrão enriquece no conforto do seu bonito chalé.¹⁸⁹

Nesse cenário, os homens adquiriam certa compreensão de suas condições através de um rígido tratamento dispensado a eles que os submetia às mais diversas privações. Consideramos que o cenário proposto por *Potyguara*, da floresta como “barbárie”, da “impiedade da selva” sobre os homens é maquinal à medida que, para ele, é a única opção para os homens e mulheres que vivem lá.

Como o autor poderia descrever um contexto com as mínimas condições sociais para ser habitado por pessoas comparadas a “feras humanas”? Ou, o que se pode esperar de “civilidade” de homens que são “totalmente submissos” ao meio em que vivem? Não podemos negar que *Potyguara* foi muito coerente, sob seu ponto de vista, ao casar “floresta” e “barbárie”. É elementar a metáfora criada por ele dentro da lógica estabelecida

¹⁸⁸ Potyguara, op., cit., 1986, p, 04-05

¹⁸⁹ Potyguara, op., cit., 1986, p, 17

a partir de suas percepções sobre a Amazônia e seus sujeitos: o homem “bárbaro” – sem cultura - só poderia viver em um lugar, longe da “civilização” – local da cultura, da urbanidade.

Sob uma ótica social geral há uma condição desigual para a maioria dos personagens de *Terra Caída* que, segundo o autor, têm na floresta seu maior inimigo. A passagem abaixo diz muito sobre qual sua visão de mundo a respeito dos homens que vivem na floresta:

No centro da floresta, condenado à tristeza do isolamento, o homem assiste impassível à sua própria bestialização através de uma existência vegetativa em que a monotonia domina tudo, dando a impressão de que, ali, a vida parou.¹⁹⁰

Dentro da mata, porém sua impressão é outra. Ali, o homem sente-se pequenino e frágil diante dos gigantescos troncos, que abrem suas copas lá em cima, a quarenta e mais metros de altura. É a flora equatorial em toda sua pujança. A selva amazônica no esbanjamento da sua luxuriante riqueza, na sua impressionante solidão, povoada de sombras e mistérios.¹⁹¹

A narrativa de *Potyguara* é contundente. Seu comentário sobre *Terra Caída* mais ainda: o homem aparece como “condenado à tristeza”, “ao isolamento”, o “homem é um ser impassível”, “bestial”, “vegetativo”, “monótono”, “estático”, “pequeno”, “frágil”. A floresta, por sua vez, é “pujante”, “gigantesca”, “esbanjadora”, “luxuriante”, “repleta de sombras”, “mistérios”. As representações que o autor “constrói” sobre a terra e o homem são “poderosas”, mas articulam, em plano regional, imagens por demais conhecidas no meio da intelectualidade brasileira. Não por acaso, *Euclides da Cunha* lançaria o epíteto de “à margem história”, ao escrever sobre as populações dos seringais amazônicos, e *Sílvio Romero*, um dos baluartes da questão da “identidade brasileira”, comentaria em certa ocasião que o Brasil era um país habitado pelas “gentes mais apáticas do mundo – índios, negros e portugueses (...) uma multidão amorfa, sem um caráter firme, intransigente, definido”.¹⁹²

Como consentir a ideia do homem impassível que não busca sair da floresta, que não sonha, não idealiza, que se conforma, que nada mais quer da vida? As representações sobre o homem e a floresta refletem a “realidade” amazônica à época da extração da borracha ou refletem quem era esse autor e sua visão de mundo? O que nos parece é que o

¹⁹⁰ Nota do autor sobre o romance exposta na 3ª edição. 2007.

¹⁹¹ Potyguara, op., cit, 1986, p. 109.

¹⁹² Mota, Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX, 2000, p. 62.

autor busca tratar o homem como bárbaro e excluí-lo das possíveis relações sociais, tentando normalizá-los. Restaria apenas, portanto, domar, amansar, civilizar esse homem?

As imagens de Potyguara em *Terra Caída* (e *Vidas Marcadas*, um outro romance de sua autoria), sobre a Amazônia acreana encontraram eco nas leituras de muitos outros intelectuais com atuação na região que, paradoxalmente, não viram seus gritantes estereótipos sobre a “terra” e suas “gentes”. Chama atenção, nesse sentido, a apresentação à 2ª edição, publicada na cidade de Rio Branco, em 1986, pela Fundação Cultural do Acre, na qual José Potyguara é apresentado como um “lutador compromissado com a sociedade”, um autor cuja produção literária:

... revela uma realidade que nos diz respeito e mostra-nos homem e natureza intimamente ligados em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis, princípios e finalidades, mas sempre em confronto (...) Quem lê esses romances descobre a vida peculiar da Região Norte, sente os dramas e os sofrimentos de seus trabalhadores, identifica-se com eles, afeta-se diante dessa realidade. E compromete-se, justamente porque o autor está preocupado em mostrar as injustiças, as desigualdades sociais, focalizando personagens que representam a massa humana explorada e marginalizada.¹⁹³

Pelo visto, o autor da apresentação identificou-se tanto com a obra que não apenas não conseguiu perceber os clichês e visões preconceituosas sobre a região e seus habitantes, como decidiu, ele próprio, também fazer seus apelos nessa direção, concebendo o romance como “revelador” objetivo da “realidade” da “região norte”, focalizando a “massa humana” “sofrida” e “marginalizada” que aí vivia. Eis mais uma representação reducionista e conformadora sobre a região e as pessoas que a habitam.

É importante perceber que, em *Terra Caída*, a descrição de conformismo feita aos sujeitos que vivem no seringal é assegurada independentemente do sexo, cor da pele, naturalidade. Para o autor, quem mora no seringal do “rico e poderoso” coronel Tonico Monteiro é dotado de uma infeliz passividade:

Revoltada, ela ergueu a voz e desabafou:

– Que quer você que eu faça? Que imite essa gente daqui? Essas desgraçadas mulheres, contentes em comer, dormir, ter filhos e nada mais?... Não! Eu não nasci só pra isso! Quero viver! Filho já tive um e basta! Não sou seringueira, que vocês ferem todo dia, tiram-lhe o leite, e as pobres árvores nem se queixam!¹⁹⁴

¹⁹³ Jacó César Piccoli, Diretor-Presidente da FDRHCD, em apresentação à 2ª edição de *Terra Caída*, Rio Branco – Acre, 1986.

¹⁹⁴ Potyguara, op., cit., 1986, p. 14.

Essa fala de *Dona Laura*, esposa do *Coronel Tônico Monteiro*, coloca em evidência um certo olhar, uma visão elitizada a respeito das pessoas que viviam na floresta. São sujeitos “apáticos”, “submissos” ao que a vida pode oferecer e que se contentam com um suposto “curso natural” de sua história. O autor não vê saída para os homens da floresta, porém é necessário questionar o porquê dessa falta de opção. Seria porque a floresta é “impiedosa” o suficiente para não oferecer saída ou porque os homens são fracos suficientes para não buscar ou querer outra vida?

Dona Laura, esposa do coronel *Tônico* era uma jovem de apenas 19 anos. Bonita e acostumada às festas em Belém, a jovem sentiu-se logo presa, entediada e revoltada por estar no seringal sem perspectiva de voltar às grandes cidades. Por isso, essa passagem nos dá outra impressão a respeito do que o autor pensa sobre a floresta. “_ Não adianta beijar-me! Tire-me daqui, senão enlouqueço! Estou farta desta vida selvagem! Não suporto mais isso!”¹⁹⁵ A personagem é o exemplo da revolta e de que mesmo com todo o dinheiro do marido a selva continuava impiedosa com ela e com suas vontades. Apesar de branca, rica e livre, no interior da seringal, em meio a uma “vida selvagem”, ela se sentia em igualdade de condições com *Tomaz*, *Manoel*, *Joana* e qualquer outro seringueiro que habitava o seringal.

A primeira edição de *Terra Caída* data de 1961, em um cenário vizinho ao de *Seringal* (1972). O que os separa são onze anos de intensificações políticas e sociais que marcaram o Brasil e mudaram grandemente seu rumo. Na época do lançamento da 1ª edição do romance o país passava por um momento de mobilizações e afirmação de reformas democratizadoras em que movimentos estudantis e sociais nos campos e cidades faziam ferver o cenário político nacional.

Esse era, então, um momento também em que a sociedade sentia-se com liberdade de expressar suas opiniões através da literatura? *José Potyguara*, assim como qualquer outro escritor, vivia um cenário propício para manifestar suas opiniões, incluindo aí a presença dos negros indígenas e outros sujeitos sociais que uma “tradição” conservadora na literatura e na história sempre havia silenciado, ignorado, marginalizado.

No entanto, isso não ocorre em *Terra Caída*, obra na qual o homem negro não é apresentado com o desvelo que lhe é merecido por causa de sua participação na formação histórica e social da Amazônia. Ao contrário, os negros aparecem, na maioria das vezes, com atributos que os desqualificam enquanto sujeitos, como se vivessem condições menos

¹⁹⁵ Potyguara, op., cit., 1986, p. 14.

humanas que os demais. A visão do romancista sobre o negro não se exime da visão estereotipada, geralmente presente na literatura de expressão amazônica.

O espaço dessa ficção não projeta o negro como sujeito de sua história, dotado de identidades e de culturas próprias, mas como subalterno e “escravo”, ainda que fora do contexto oficial da escravidão. Pensamos que é desse ponto de vista que o autor vê o negro. De um lugar que não salienta sua contribuição e sua importância para a história da formação social e política da região e do país.

O primeiro personagem negro presente em *Terra Caída é Tomaz*, que, repetindo uma característica do romance *Seringal* é o capataz do coronel. Sua descrição no início do romance é feita em detalhes:

Além de três comboieiros a pé, também vai, a cavalo, um mulato branco, forte, de cara larga e carapinha arruivada, que chefia o comboio, anotando a mercadoria distribuída e fiscalizando o trabalho e a produção de borracha. De péssimo caráter, arrogante com os humildes, maneiroso e sabujo quando precisa agradar, Tomaz é homem de confiança do patrão. Por isso, apesar de geralmente antipatizado, os seringueiros o respeitam e o temem, pois sabem quanto ele é perseguidor. Triste de quem cai no seu desagrado! Além disso, petulante e audacioso, é metido a conquistar e gaba-se de relações sexuais com todas as mulheres que deseja.¹⁹⁶

O negro aparece aqui, na face do “mulato”. Mas não apenas “mulato”, também “branco”, uma dupla negação de sua condição humana e de seu caráter. E mais: “homem sem escrúpulos”, “bajulador”, que “não se importa com os outros” ou “com suas necessidades”. Apenas atende aos interesses próprios e aos do coronel, que o tem como “homem de confiança”. Logo no início do romance ele é citado com caracterização inferiorizada tanto pelos personagens, quanto pelo narrador do romance: “Mulato, filho duma égua!...”¹⁹⁷, “mulato ordinário”¹⁹⁸ e ainda, “(...) o mulato sentia ímpeto de beijá-la”¹⁹⁹

Essa representação de *Tomaz* o coloca no grupo dos “pobres homens” que vivem na Floresta Amazônica. A ele não sobra nem grandeza de caráter. Em nenhum momento do romance é atribuída a ele uma característica positiva ou algo que possa justificar suas atitudes “mesquinhas” e “perseguidoras”, como, por exemplo, lealdade ao coronel. Ao contrário, o personagem possui, além de todas as características já narradas, a fragilidade e o medo destrutíveis para quem mora em meio a uma floresta descrita como colossal. O

¹⁹⁶ Potyguara, op., cit., 1986, p. 06.

¹⁹⁷ Potyguara, op., cit., 1986, p. 07

¹⁹⁸ Potyguara, op., cit., 1986, p. 08

¹⁹⁹ Potyguara, op., cit., 1986, p. 10

trecho a seguir, também, é muito sugestivo para essa reflexão, bem como para vislumbrarmos, mais uma vez, a presença da mulher negra vinculada aos atributos previstos pelo gosto de uma sexualidade que lhe confisca a condição de sujeito.

De repente, Chico Bento interrompe esse pensamento ao avistar um homem que desce a escada do chalé, vindo em sua direção. Reconhece-o pelo andar de socó e o chapelão de abas largas.

É Tomaz.

Vinha fumando, despreocupado, mas, assim que avistou Chico Bento, enfiou-se por entre os varais da porteira do curral e desapareceu.

- Mulato frouxo! – exclama Chico Bento, com um sorriso desdenhoso.

Ao pé da escada, deixa o rifle, retira da cintura o terçado 122, que pendura no corrimão, e sobe, batendo palmas:

- Dá licença!

- Entre e se abanque! – responde, lá de dentro, voz de mulher. E logo aparece a negra Joana, com a carapinha envolta num chale vermelho. Despejando o volume dos seios sobre o parapeito da janela (...) ²⁰⁰

Tomaz é, nas palavras do principal personagem de *Potyguara*, apenas um “mulato frouxo” que estremece ante sua presença, mas, chama atenção o aparecimento de Joana, não por acaso, a cozinheira do coronel Tônico. O narrador/autor a trata como “negra”, uma palavra que, no contexto do romance, nada tem a ver com o reconhecimento e a valorização de sua identidade afrodescendente, mas com uma carga de preconceito reforçada pelo uso de outro adjetivo ao se referir aos seus cabelos: *carapinha*. O dicionário Houaiss – também carregado de estereótipos e ancorado numa ideológica ideia de raça negra – atribui a essa palavra o significado: “cabelo semelhante à lã, muito crespo e denso, próprio da gente da raça negra; cabelo agastado, lã, pixaim”.²⁰¹ Não obstante, *Potyguara* coloca em evidência o volume dos seios da “negra Joana” que, “despejados” sobre o parapeito da janela do chalé, reitera a idéia da sensualidade, desregrado e lascívia à mulher negra.

Com esses trechos, vemos também com as personagens de *Tomaz e Joana*, que a posição do negro é de capataz, empregado, aquele que obedece a ordens sem ter um lugar para construir relações sociais no espaço em que vive. Sua vida reflete apenas sua condição de subalternidade, sempre colocado à margem dos relacionamentos de prestígio.

Consideramos, até o momento, que *Terra Caída* e *Seringal* não são literaturas que contribuem para evidenciar a presença do negro e sua emancipação, pois eles são colocados em um espaço marginal dentro da obra e entre tantos outros aspectos só há

²⁰⁰ Potyguara, op., cit., 1986, p. 18

²⁰¹ HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0 – Dezembro de 2002. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA.

solidariedade entre eles mesmos, já que, por exemplo, *Joana* é a única que lamenta quando *Tomaz* é morto no final do romance de *José Potyguara*.

A partir da perspectiva adotada sob inspiração dos pressupostos teóricos e metodológicos para esta pesquisa, acreditamos na ideia de que o autor é responsável, de maneira direta e pessoal, pelo texto que produz. Isso nos permite dialogar e refletir sobre um dos porquês de *Terra Caída* estar entre os romances que tratam da chegada e permanência dos nordestinos na Amazônia. Além disso, questões como a altivez do cearense *Chico Bento* e sua defrontação a *Tomaz* e até ao *coronel* e a ideia da escassez de mulheres nos seringais – essa engenhosa e inadmissível invenção presente na historiografia amazionalista – podem ser pensadas de forma significativa.

Consideramos que a trajetória da família de *Potyguara*, sempre esteve presente em seu horizonte e é evidenciada ao longo de sua narrativa literária. Muito provavelmente, ela marque a própria trajetória de seus personagens – Chico Bento, Zé Rufino, Mané Ferreira, entre tantos – constituídos a partir de seus referenciais identitários. O pai de *Potyguara*, *Hipólipo de Albuquerque Silva*, era um “nordestino” que morou durante meio século no Acre, trabalhando como gerente de seringal, entre outras funções.

A possível identificação entre *Potyguara* e seus principais personagens baseia-se, sobretudo, na concepção do sujeito sociológico proposto por Stuart Hall. No entanto, essa consideração não perpassa pela presença negra em sua obra, já que não há uma empatia nas relações do autor com as “culturas exteriores” e, nesse caso, com os negros. Para Hall “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.²⁰² No entanto, o autor de *Terra Caída*, ao lançar mão de formas de percepção que reafirmam as clássicas noções do imaginário ocidental sobre o “outro”, se manifesta como não muito propenso a esse diálogo.

Essa não identificação de *Potyguara* com os negros de seu romance nos remete à consideração de *Bhabha* ao dizer que “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado”.²⁰³ É de fato um olhar de fora que coisifica o negro na vida cotidiana dos seringais. É obra de “ficção”, podem afirmar os incautos que insistem em acreditar na produção “ingênua” da narrativa literária. Como balizamento dessa questão, cremos ser de fundamental importância a tensa reflexão que Edward Said

²⁰² Hall, op., cit., 1999, p. 11.

²⁰³ Bhabha, *O local da cultura*, 2005, p. 73.

faz sobre o papel da literatura européia na consolidação do poder imperial e do imperialismo enquanto perspectiva econômico-cultural em todo o mundo:

“... a constituição de um objeto narrativo, por mais anormal ou insólito que seja, sempre é um ato social por excelência, e como tal carrega atrás ou dentro de si a autoridade da história e da sociedade (...) Há, em primeiro lugar, a autoridade do autor – alguém que põe em palavras os processos da sociedade de uma maneira institucionalizada aceitável, observando convenções, seguindo padrões e assim por diante. Há, a seguir, a autoridade do narrador, cujo discurso escora a narrativa em circunstâncias capazes de ser reconhecidas e, portanto, carregadas de referências existenciais. Por último, há o que poderíamos chamar de autoridade da comunidade, cujo representante, na maioria das vezes, é a família, mas também a nação, a localidade específica e o momento histórico concreto”.²⁰⁴

Nessa direção, cremos que o tratamento estereotipado e preconceituoso dispensado ao negro em *Terra Caída* é constituído com base nas representações das vivências e memória social do autor, a partir das quais ele intenta passar ao leitor como resultado de uma leitura da “realidade objetiva” e não de sua subjetividade, crenças, concepções de mundo de seu tempo, sua formação, suas escolhas.

Para os coronéis dos seringais da Amazônia à época da borracha, o importante era o batelão carregado de borracha e o lucro que recebiam com a venda do produto. A borracha era símbolo da força dos coronéis e, graças aos seringueiros, o poder continuava e os poderosos coronéis se sustentavam à frente do maior símbolo da economia da região:

De cima do barranco, um grupo de seringueiros contempla o barco que se afasta lentamente do porto. Vendo-o carregado de borracha até as escotilhas, a linha de flutuação mergulhada, um seringueiro comenta, num protesto inútil:

_ Eta que o gaiola vai pesado! O porão chein do suor da gente...²⁰⁵

Nessa passagem, além da ideia de um “protesto inútil”, “acomodado”, “resignado” por parte dos seringueiros, diante da saída dos batelões carregados de borracha, outra característica nos chama atenção: as embarcações eram chamadas de gaiolas. Esse tipo de embarcação, geralmente a vapor, levava e trazia pessoas e cargas dos seringais para Belém, Manaus e outros portos de troca de produtos e desembarque de trabalhadores. Eles se transformavam, nos seringais, em símbolo de aprisionamento e distanciamento para a grande maioria dos trabalhadores, à medida que “abandonavam” nos seringais todos aqueles que iam para lá em busca de uma vida nova.

²⁰⁴ Said, *Cultura e imperialismo*, 1995, p. 117.

²⁰⁵ Potyguara, op., cit., 1986, p. 83.

Além disso, essas embarcações nos remetem aos navios negreiros que transportavam os negros africanos através do Atlântico para diversas partes do mundo, tanto no tratamento dado aos futuros seringueiros que se mudavam para os seringais amazônicos, já que a viagem dentro dos gaiolas era difícil e privada das mínimas condições de higiene e hospedagem; quanto na exploração em si que, simbolicamente, estava atrelada às condições de trabalho que os seringueiros viviam na Amazônia.

Entre tantos homens que se transformaram em seringueiros na Amazônia, aludimos em especial aos negros, uma vez que esse é nosso maior interesse. Diante disso, percebemos que *Joana e Tomaz* não são os únicos personagens negros de *Terra Caída*. Há outro personagem citado ao longo da narrativa: o maquinista, que compunha a tripulação de uma das embarcações que sairia carregada de borracha do seringal de *Tonico Monteiro*: “Compõem a roda o primeiro maquinista – um preto alto, de óculos e dente de ouro (...)”. Temos aqui, mais uma vez, a cor da pele ressaltada como marca indispensável àqueles que a possuem ou como um peso a ser carregado por toda a vida.

No entanto, o personagem negro que mais se destaca em *Terra Caída* é *Manoel*, comboieiro empregado do coronel que conhece a mata muito bem. Nos meados do romance ele é apresentado:

Segurando o cavalo pelo cabresto, um preto moço e forte mostra os dentes muito brancos num sorriso simpático.

E o coronel apresenta:

_ Além dos rapazes do comboio, vai aqui o Manoel, levando a sua bagagem. Fica à sua disposição. É de inteira confiança e conhece esses cafundós todos, aí pelo centro.²⁰⁶

Apesar do pequeno destaque dado a *Manoel* em algumas páginas do romance, o tratamento que lhe é dispensado não foge à regra e em algumas passagens percebemos esse tratamento marginal: “- Rasto de onça! – informa o preto (...)”.²⁰⁷ “O preto olha pra cima, procurando o sol entre a ramaria (...)”.²⁰⁸ “Deitado na rede, ardendo em febre, o preto mostra a perna inchada.”²⁰⁹ “Evitando uma acusação direta, o preto responde (...)”²¹⁰

Esses exemplos que evidenciam a cor da pele do personagem *Manoel* em *Terra Caída* demonstram até onde vai a capacidade que o autor possui em marcar seus personagens através de seu discurso e palavras “multimoduladas”, ou seja, palavras que

²⁰⁶ Potyguara, op., cit., 1986, p. 108.

²⁰⁷ Potyguara, op., cit., 1986, p. 110.

²⁰⁸ Potyguara, op., cit., 1986, p. 110.

²⁰⁹ Potyguara, op., cit., 1986, p. 130.

²¹⁰ Potyguara, op., cit., 1986, p. 130.

sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado”.²¹¹ Por esse motivo é inútil considerar um ato de fala como um simples enunciado, uma vez que todo ato de fala é carregado de significados e considerações, mesmo que de maneira não intencional.

Nossos discursos são fundamentados em nossas memórias, que são sociais e, portanto, abertas a interpretações várias, com possibilidade de serem complementadas ou alargadas por outros discursos. O que vemos em *Terra Caída* é um desses discursos, que nos permite um diálogo aberto sobre seus personagens numa lógica de tempo e espaço. Discurso que ordena e reordena espaços múltiplos de vivências, que são singularizados e lançados numa lógica de tempo linear em que o passado é tratado como “condensador” do presente. Nesse aspecto, devemos ressaltar com Said que nem “o passado, nem o presente, como tampouco qualquer poeta ou artista, tem pleno significado sozinho” e, desse modo, é preciso levar sempre em conta que “a maneira como formulamos ou representamos o passado molda nossa compreensão e nossas concepções do presente”.²¹²

Retornando ao romance em questão, o personagem *Manoel* participa, junto ao rico sobrinho do coronel Antônio Monteiro, de outro episódio que nos chama a atenção:

(...) No aceiro da mata, pára e arria a carga no chão. Tira a blusa, dobra e guarda cuidadosamente dentro do saco.

Estranhando aquilo, Paulinho lhe pergunta por que prefere viajar seminu, exposto aos espinhos e às picadas de inseto.

E Manoel explica:

– Roçando nas costas, o jamaxi rasga a roupa. Minha blusa é nova!

O rapaz fica penalizado, verificando até onde leva o instinto de economia do pobre. Ao prejuízo da roupa, prefere as ferroadas das mutucas. (...)

Manoel (...) Pondo-se de pé, ironiza com a própria sorte:

– Vosmecê nunca imaginou ver gente carregando carga que nem burro, hein?

Essa incrível passagem nos oferece mais uma imagem do autor sobre as mulheres e homens negros de *Terra Caída*. Aqui, *Manoel* é apresentado como um coitado que tem a compaixão do herdeiro das terras em que trabalha. Ele possui a mesma resignação de seus companheiros e contenta-se em pagar, literalmente, com a própria pele a conservação da camisa nova. Além disso, chega a comparar-se com um burro de carga de maneira irônica e, mais uma vez, conformada. O homem amazônico novamente exposto como aquele que não tem solução: o jeito que tem é se conformar.

²¹¹ Hall, op., cit., 1999, p. 41.

²¹² Said, op., cit., 1995, p. 34-35.

Terra Caída tem uma peculiaridade que o difere dos demais romances analisados neste trabalho. *José Potyguara* procura representar – muito bem – as questões que igualam e diferem brancos e negros que vivem na floresta. O fato de os personagens viverem na selva e sua resignação em estar ali já é suficiente para posicioná-los na linha de frente pela sobrevivência às condições de trabalho e vida impostas. Por outro lado, o que os difere, para o autor, é a cor da pele, já que ele faz questão de evidenciar isso. No entanto, entendemos a necessidade de pontuar questões para muito além disso, posto que os corpos negros de *Terra Caída* revelam possibilidades sociais que “transbordam seus limites, revivem experiências, renovam saberes, costumes, valores, que vêm de seus antepassados”²¹³.

O terceiro romance selecionado para esta pesquisa é *A Selva*, de *José Maria Ferreira de Castro*, escrito em 1929. O autor nasceu em Portugal e, muito jovem, mudou-se para Brasil, por indicação de um amigo da família, para tentar melhores condições de vida, já que se encontrava em dificuldades financeiras em sua terra. Aos doze anos, mudou-se para o seringal *Paraíso*, no rio Madeira, na Amazônia, onde morou por quatro anos e conviveu de muito perto com a situação conflituosa da extração da borracha. Essa experiência serviu de inspiração para escrever o romance que mais tarde se tornaria um dos livros mais lidos de todo o mundo.

No pórtico do romance, *Ferreira de Castro* dedica *A Selva* à própria floresta e aos seringueiros que lá viveram, assim como ele:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência.²¹⁴

Ao fazer essa dedicatória, o autor deixa claro qual era sua relação com a floresta e com os seringueiros. Uma relação de empatia e proximidade, já que ele vivenciou, diferente dos demais romancistas estudados aqui, “a luta de cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia”²¹⁵. O olhar de *Ferreira de Castro* sobre a Amazônia coincide com o dos demais romancistas anteriormente citados no que se refere à reverência feita à

²¹³ Maria Antonieta Antonacci, “Corpos sem fronteira”, In: Revista Projeto História – 25 – Corpo e cultura, 2002.

²¹⁴ Ferreira de Castro, pórtico à edição de *A Selva*, 1977, p. 15.

²¹⁵ Castro, pórtico à edição de *A Selva*, 1977, p. 15.

“majestade” da floresta e assim, ele marca claramente suas posições em relação ao “espaço amazônico”.

Repete-se com *Ferreira de Castro* a fórmula da visão do inferno dentro dos seringais, da “selva misteriosa e implacável”²¹⁶ que faz de seus habitantes personagens de uma grande epopéia em que o herói é a floresta. Apesar de sua estada na Amazônia durante alguns anos de sua adolescência, o autor não revela uma visão diferente dos demais colegas escritores.

Ao pensarmos nessa trajetória de imigração de *Ferreira de Castro* e no livro *A Selva* não podemos negar que a estrutura narrativa do romance mescla ficção e realidade uma vez que retrata como personagem principal um jovem português chamado *Alberto*, estudante de Direito, que foi exilado para Belém do Pará devido às suas idéias monarquistas e que acaba por embarcar em um vapor, juntamente com um grupo de cearenses, com destino ao *Seringal Paraíso*, em alta Floresta Amazônica, assim como ocorreu com o autor do romance, *Ferreira de Castro*.

Em *pequena história de A Selva*²¹⁷, *Ferreira de Castro* inicia explicando como e quando foi sua saída do *Seringal Paraíso*, local que viveu durante quatro anos e que desejava muito abandonar. Ele deixa claro também, que ao ir embora já possuía os manuscritos do romance que escreveu após vivenciar pessoalmente como era morar na Floresta Amazônica.

É certo que levava também, no fundo do baú, o manuscrito dum romance ingênuo que escrevinhara dois anos antes; na cabeça um tropel de idéias para outros que nunca cheguei a redigir e, na carne e no sangue, este roteiro do drama social dos cearenses e maranhenses, do meu próprio drama, que tanta influência ia ter na minha vida de escritor; mas eu, nessa noite, descendo o rio metido em trevas, não podia saber que isto aconteceria.²¹⁸

Após sair do seringal que vivia e ver-se sem perspectiva de vida na capital paraense, *Ferreira de Castro* passa a ter pesadelos sempre que a ideia de voltar à floresta é cogitada:

Foi esse momento tão extraordinariamente grave para o meu espírito, que desde então não corre uma única semana sem eu sonhar que regresso à selva, como, após a evasão frustrada, se volta, de cabeça baixa e braços caídos, a um

²¹⁶ Castro, póstico à edição de *A Selva*, 1977, p, 15.

²¹⁷ Pequeno resumo de como foi a escrita da obra, feita pelo próprio autor e colocada no início do romance.

²¹⁸ Castro, *Pequena História de A Selva*, 1977, p, 18

presídio. E quando o terrível pesadelo me faz acordar, cheio de aflição, tenho de acender a luz e de olhar o quarto até me convencer de que sonho apenas (...)²¹⁹

Essa trajetória de *Ferreira de Castro* na floresta e seu tão esperado regresso, assim como o medo em voltar ao local são muito importantes para percebermos as predileções do autor em relação aos sujeitos que viviam no seringal e como ele olhava para as questões que envolviam a lógica social do local. Ao relatar que um “velho terror”²²⁰ o dominava, sempre que tentava escrever o romance, o autor mostra sua inquietação frente ao assunto e demonstra, com isso, que a selva não era indiferente, uma vez que para ele “a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente pelo seu autor”.²²¹

Em *A Selva* a presença do negro e os discursos que envolvem sua trajetória são marcados de uma maneira, com outra tonalidade que o difere dos romances *Terra Caída* e *Seringal*. Pensamos que essa realidade manifesta-se devido a experiência de *Ferreira de Castro* na Amazônia, posto que não podemos negar que sua experiência na região o fez considerar a questão vivida no seringal de maneira mais sensível, portanto mais humana.

Logo no início do romance, há uma invocação à época da escravidão feita pelo autor quando, na fala do personagem *Balbino*, faz referência ao modo de “castigo” imposto aos negros africanos durante a escravatura:

- É tudo uma malandragem! Ah, bom tempo em que havia relho e tronco! Então, esta canalha andava mesmo metida na ordem! Hoje, não se prende ninguém por dívidas e dizem que já não há escravos. E os outros? Os que perdem o que é seu? Vem um homem a fazer despesas, a pagar passagens e comedorias e até a emprestar dinheiro para eles deixarem às mulheres, e depois tem-se este resultado! Lhe parece bem? Ora diga, senhor Macedo: lhe parece bem?²²²

Para *Balbino*, encarregado de recrutar cearenses, paraibanos e tantos outros para trabalhar nos seringais amazônicos, o ideal para quem foge é “relho” e “tronco”, instrumentos usados à época da escravidão para “corrigir” os “rebeldes”. Essa visão do autor, nascido na Europa, possui a coerência do dominador sobre o dominado e é refletida em seu discurso.

O personagem *Alberto*, protagonista do romance, é apresentado no primeiro capítulo como alguém apático e indiferente: “(...) um jovem alto e magro, cabelo negro e

²¹⁹ Castro, Pequena História de A Selva, 1977, p, 19

²²⁰ Castro, Pequena História de A Selva, 1977, p, 20

²²¹ Castro, Pequena História de A Selva, 1977, p, 21

²²² Castro, A selva, 1977, p. 30.

olhos amortecidos, denunciando vida indolente”.²²³ Ele é português e mora no Brasil a fim de trabalhar e conseguir melhores condições de vida. Sustentado por um tio, nada generoso, é quase que obrigado por ele a ir para o *Seringal Paraíso* tentar a vida.

Alberto aceita o desafio após ser demitido por conta da desvalorização da borracha e perceber a má vontade do tio em continuar a sustentá-lo. A viagem no gaiola *Justo Chermont* é o início do choque do personagem ante aquele novo mundo. Para ele, tudo era “novo” e “sórdido”: a divisão entre a primeira e terceira classe, a comida servida, as pessoas misturadas às cargas e tudo mais que não oferecia as mínimas condições de uma “viagem digna”.

O processo de seleção para embarcar para os seringais da Amazônia era rigoroso, pois “Mesmo na sua decadência, era ainda a borracha que movia tudo aquilo (...)”²²⁴ e por isso os coronéis não corriam o risco de contratar sem “critérios” seus trabalhadores:

Todos de cor, mulatos uns, mais carregado o escuro nos outros, iam da juventude até os trinta e cinco anos, até os quarenta – idade máxima concedida ao selecionador para o recrutamento, já que nos seringais não tinham lugar para os fracos ou os inúteis.²²⁵

Essa passagem de *A Selva* coloca em evidência a forte presença, ou mesmo a predominância de negros, entre os homens que embarcavam para os trabalhos do corte da seringa. A força de sua narrativa reforça os adjetivos preconceituosos atribuídos aos negros: “mulatos”, “escuros” são exemplos da representação do autor sobre esses sujeitos sociais.

O que *Alberto* contemplava eram pessoas de todos os tipos e origens, acostumados ou não com o tratamento desumano recebido nos porões do gaiola que os levaria à Amazônia, mas que tinham um desejo em comum: enriquecer às custas da “ouro negro” da floresta. O que o incomodava, além das condições físicas, era “a promiscuidade em que a vida se realizava ali, a igualdade em que todos se fundiam, como se cada um não tivesse o seu temperamento, as suas predileções, a autonomia que ele desejava para si”²²⁶. *Alberto* se preocupa com a identidade esquecida sua e de seus companheiros de viagem. Para ele é como se não houvesse mais a individualidade dos sujeitos, mas apenas um grupo de iguais, e isso o incomodou bastante.

²²³ Castro, op., cit., 1977, p. 32.

²²⁴ Castro, op., cit., 1977, p. 38.

²²⁵ Castro, op., cit., 1977, p. 39.

²²⁶ Castro, op., cit., 1977, p. 51

A viagem de ida para o seringal tinha muitas peculiaridades e surpresas desagradáveis para o protagonista. Em meio à comida pouco convidativa, Alberto preferia nutrir a esperança de que seria presenteado com a comida da primeira classe da embarcação e, assim, se recusava a juntar-se aos demais. A partir disso, surge um cearense que oferece a Alberto um prato de comida por pensar que ele estava acanhado: “... Era um preto. Vexado pela recusa e avareza de palavras e já arrependido de sua fraternidade, morreu-lhe o sorriso que trazia nos lábios grossos...”²²⁷.

No decorrer de toda a obra, Ferreira de Castro faz menção a negros, enfatizando que por todas as partes estavam eles:

Moleques e adultos, negros, mulatos e caboclos, invadiram o navio (...) Distinguiam-se agora a cor dos que estavam em terra, os pretos e os mulatos, as suas blusas de riscado, (...) Baixo e com sangue negro, graças a sucessivos cruzamentos, já insinuando apenas a sua remota existência, o dono do Paraíso...²²⁸.

Essas primeiras passagens nos dão um delineamento de que *A Selva* é a obra em que encontramos mais alusão a negros. O autor, de origem portuguesa, enfatiza, a todo instante, as origens da colonização do Brasil ao fazer referência à floresta e ao início de devastação promovido por seus conterrâneos lusitanos e à escravidão africana, momento histórico que grandes heranças deixou ao Brasil: “Alberto pensava, olhando de longe a cena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem os escravos em plagas longínquas, quando a voz rude do pastor lhe recordou que ele também fazia parte do rebanho”.²²⁹

A chegada de *Alberto* e dos demais ao Seringal *Paraíso* deixou o estrangeiro ainda mais preocupado, pois temia que sua pele branca e seu porte urbano fossem motivo de zombaria e exclusão: “(...) sentiu-se ridículo, assim de gravata e sapatos de verniz, com aquele alforge a dançar-lhe nas costas”.²³⁰ E, apesar de promessas de que teria outra ocupação que não o corte de seringa, *Alberto* foi para o interior da selva com a ajuda de *Firmino*, “um mulato, com larga cicatriz na barriga da perna, que a calça arregaçada deixava ver...”²³¹

²²⁷ Castro, op., cit., 1977, p. 51

²²⁸ Castro, op., cit., 1977, p. 59-84.

²²⁹ Castro, op., cit., 1977, p. 85.

²³⁰ Castro, op., cit., 1977, p. 93.

²³¹ Castro, op., cit., 1977, p. 90.

Firmino foi quem apresentou *Alberto* à selva, ensinou-lhe como sobreviver na mata e foi seu companheiro de moradia junto a mais um seringueiro, *Agostinho*. Aos poucos, ele começou a se familiarizar com os “perigos naturais” que a floresta oferecia e com as “fantásticas” histórias sobre “índios canibais” que os colegas contavam a ele. Segundo os colegas, os “homens civilizados tomaram de conta da terra deles” e por isso os “índios matavam” quem vissem pela frente.

É interessante perceber que em *A Selva*, *Alberto* era, literalmente, o “estrangeiro”, o “outro”, mas um “outro civilizado” que se diferenciava dos demais por causa, inclusive, da cor da pele. Ele estava em um local diferente de tudo que estava habituado e sentia-se como um “estranho”, já que naquele lugar os demais homens e mulheres estavam “em casa” e para ele tudo era novo e inusitado. Os companheiros de *Alberto* tinham consciência dessa situação e observavam: “_ Eu tenho pena de seu *Alberto*. O seringal não é para um homem com a sua pele. Você veio também para enriquecer?”²³² O seringal era o lugar da “não civilização”, aquele “presídio” não era lugar para “homem branco”, posto que civilizado. É isso que se depreende dessa “falsa consciência” de cor da pele, presente, de forma latente, em *A Selva*.

As convicções do autor – com sua autoridade narrativa e nunca ingênua, inocente ou meramente destinada ao entretenimento – perpassam das falas de seu narrador e personagens para as suas próprias falas, exteriores ao romance. É a fala de Ferreira de Castro que se projeta em sua *Pequena História de A Selva*: “descendo o rio metido em trevas”; “não corre uma única semana sem eu sonhar que regresso à selva, como, após a evasão frustrada, se volta, de cabeça baixa e braços caídos, a um presídio”; “quando o terrível pesadelo me faz acordar”; “cheio de aflição, tenho de acender a luz e de olhar o quarto até me convencer de que sonho apenas”. Pelo visto, aquele “lugar sórdido”, infestado de “pessoas primitivas e selvagens”, deixara marcas nada idílicas na construção mental do autor. Suas palavras – historiando o próprio romance – tornaram mais acentuadas a visão preponderante sobre a floresta e os homens que nela vivem que, é crucial destacar, já faziam parte do imaginário ocidental mesmo antes de sua vivência no Amazonas.

Ao longo da narrativa, Ferreira Castro vai pinçando um conjunto de estereótipos lançados aos trabalhadores do seringal, desde o início da exploração gumífera:

²³² Castro, op., cit., 1977, p. 116.

(...) Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefacto. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepando num caixote, com a roupa descomposta.

Não quis acreditar. Abriu muito os olhos e fixou melhor. Não, não era ilusão.²³³

Para Alberto era inaceitável o que tinha visto e isso, para ele, o fazia ainda mais “diferente” dos demais: “Como a bordo, sentiu-se novamente “diferente” e de todo separado daqueles homens, pelo nojo que lhe provocavam”.²³⁴ Nesse trecho, Ferreira de Castro enfatiza não a exclusão de Alberto – um “civilizado” - do contexto da floresta – lugar da “selvageria”, “de gente nojenta” -, mas a exclusão do “outro”, dos negros, dos indígenas e de todos os seringueiros e demais trabalhadores amazônicos, posto que representados por meio de clichês e adjetivos a partir dos quais o autor/narrador/personagem principal não reconhece sua “humanidade”.

Nesse sentido, torna-se importante retornarmos às considerações de Said, para quem todas as “culturas tendem a elaborar representações de culturas estrangeiras a fim de melhor dominá-las ou de alguma forma controlá-las”. Para esse autor, quando artistas, poetas ou romancistas discutem ou escrevem sobre as gentes e os territórios distantes, o fazem não reproduzindo “pura e simplesmente os territórios distantes”, mas, produzindo imagens, visões ou lhes dando novas conotações com o recurso de “técnicas narrativas, vieses históricos e inquisitivos” ou “idéias positivistas”, a partir de autores e concepções que “desenvolveram e acentuaram as posições essencialistas na cultura europeia, proclamando que os europeus deviam dominar, e os não-europeus ser dominados. E os europeus *de fato* dominaram”.²³⁵

Em *A Selva*, a passagem na qual Agostinho mantém relações sexuais com uma égua é mostrada com o intuito de evidenciar que nos seringais da Amazônia a presença de mulheres era muito escassa. Os três romances estudados por nós enfatizam essa ausência e colocam os homens como sujeitos insaciáveis pela presença feminina:

- Subitamente, porém, Alberto interrogou:

- Então aqui não há mulheres?

Firmino respondeu com a humildade de quem desejava absolvição para a cena repugnante da tarde:

- Não; não há. Para seringueiro sem saldo não há.

(...)

- Então em Humaitá não há mulheres?

- Dizem que há uma preta e uma mulata. As outras têm dono.²³⁶

²³³ Castro, op., cit., 1977, p. 123

²³⁴ Castro, op., cit., 1977, p. 124

²³⁵ Said, op., cit., 1995 p. 143.

²³⁶ Castro, op., cit., 1977, p. 131-133.

Essa ideia de que nos seringais não havia mulheres se desfaz nas próprias obras, quando percebemos que havia as cozinheiras, as ajudantes da casa dos coronéis e esposas de muitos seringueiros, isso se insistimos em não levar em consideração as populações indígenas que aí viviam. Nessa direção, concordamos com Cristina Wolff para quem o que prevaleceu nessa invenção por demais “virilizadora da história”, a constituição de uma das dimensões da linguagem da violência que trata de ocultar a importância do papel feminino no interior dos seringais, pois, apesar de representar em média 25% da população, as mulheres exerceram importante papel em todo o processo de colonização e implantação da empresa extrativista na região.²³⁷ Não obstante, chama atenção a conotação preconceituosa, pejorativa na fala de Firmino ante a pergunta de Alberto: o que “sobra”, o que “não tem dono” é uma “preta” e outra “mulata”, propiciando uma aguda e insistente adjetivação desqualificadora do sujeito negro em toda a obra.

Em *A Selva* podemos perceber que o negro recebe um destaque maior que em *Seringal e Terra Caída*. Os personagens são mais destacados e tidos como sujeitos que participam e têm voz nas ações dentro do seringal, embora em alguns momentos sejam tratados como escravos, como *Tiago*, um forte personagem, que será responsável por uma reviravolta na trama.

Tiago é apresentado já na metade da obra, personagem enigmático, que não se relaciona com todos que moram no seringal: “E, entre os que se deleitavam, coxeava a figura alta e esquelética do negro Tiago, velho de muitos anos, colhendo aqui um trago, outro ali, nas vasilhas daqueles com quem não cortara ainda relações”²³⁸. A relação de *Tiago* com os colegas era estremecida por conta de os colegas o apelidarem de “Estica”²³⁹ devido sua perna coxa. Esse problema na perna é herança da época da escravidão e o deixa muito irritado, especialmente quando seus companheiros brincam sobre o assunto.

O personagem é mostrado como subserviente ao permitir que o coronel *Juca Tristão*, seu patrão, brinque com o assunto. Aliás, é o único que pode chamá-lo de Estica sem que ele se importe: “O negro Tiago, outrora escravo, agora quase inútil, só a ele consentia que o tratasse pela alcunha que considerava ultrajante”²⁴⁰ Evidencia-se na narrativa que *Tiago* via no patrão a imagem daquele que pode tudo, a quem ele deve obediência, inclusive de tolerar o que não tolera de outros: ele gostava de *Juca Tristão* e

²³⁷ Wolff, Marias, Franciscas e Raimundas, 1998.

²³⁸ Castro, op., cit., 1977, p. 146.

²³⁹ Castro, op., cit., 1977, p. 192.

²⁴⁰ Castro, op., cit., 1977, p. 192.

chegava a se emocionar quando o patrão viajava para vender a borracha, embora não fosse tratado com a mesma consideração.

Tiago é o personagem negro mais forte dessa e das demais obras. É muito clara sua origem e suas raízes da escravidão:

A sua perna coxa, origem do apodo, parecia-lhe desgraça demasiado grande para que os outros ainda se rissem dela. Muitos seringueiros exibiam cicatrizes de golpes de terçado que ele lhes dera, em arremetida desafrontadora. (...) Só o álcool acendia ainda a sua vida sugada por todas as vicissitudes, aquele corpo alto, escanzelado e capenga de duende negro.²⁴¹

“Duende negro”, “cachaceiro”, o estigma dos estereótipos sobre o “outro” acompanham a narrativa de Ferreira de Castro. Em *Tiago*, a perna coxa era o argumento vivo de quem ele foi e de como viveu a vida toda na condição de escravo. Ter isso evidenciado, no entanto, custava a ele muitas doses de cachaça e muitos gritos e palavrões àqueles que o ferissem. No aparente paradoxo da aceitação/recusa, para ele era tão doloroso conviver com a “perna inútil” quanto lembrar que já tinha sido escravo, açoitado e humilhado. Embora seu comportamento fosse de subserviência frente ao patrão, sua tristeza era manifestada também por meio de canções que ele arrastava:

Às vezes Tiago cantava. Eram sempre canções lentas, arrastadas, fatalistas, que enchiam a noite de melancolia, fazendo esquecer a voz pastosa do bêbado. Canções de escravos, mais toada do que palavras, por ele aprendidas na infância e trazidas para o Brasil no ventre dos negreiros.²⁴²

As lembranças dos tempos da escravidão eram muito vivas em sua vida e *Ferreira de Castro* destaca isso de diversos modos, principalmente ao descrever seu passado com as marcas do “chicote do feitor, o tronco, o corpo a escorrer sangue”²⁴³. Enfim, tudo em *Tiago* era marca de seu passado e de suas memórias para um presente com um pouco mais de alívio. Porém, *Tiago* passa a ser responsável por uma grande reviravolta na trama. Cinco seringueiros fogem do seringal por não estarem satisfeitos com as condições de trabalho que tinham, mas são capturados e presos por um empregado do *coronel*.

- _ Os outros, hoje, não comem...
- _ Quais outros?
- _ Os que tinham fugido. Os que estão no barracão velho...
- _ Quem lhe disse isso?

²⁴¹ Castro, op., cit., 1977, p. 192.

²⁴² Castro, op., cit., 1977, p. 192-193.

²⁴³ Castro, op., cit., 1977, p. 193.

- _ O Alexandrino. Estão amarrados num tronco, como os negros que eram escravos, e fechados à chave para que ninguém lá vá...
- _ Mas isso é verdade?
- _ Se foi o Alexandrino quem os amarrou! (...) ²⁴⁴

Nesse trecho, como em outras muitas passagens presentes na literatura regional, fica evidente um contra-discurso à lógica reinante – na história e na literatura – de que os seringueiros estavam “imobilizados”, “inertes diante da natureza e dos padrões”. Mas, sobrevém também uma analogia com as memórias da escravidão. Assim como na época da escravidão, quando os negros fugiam e eram capturados, os seringueiros também foram amarrados em um tronco como prova de sua captura e castigos exemplares. Além disso, não se dando por satisfeito, o capataz do Coronel prosseguiu com os maltratos:

- _ Mas ouviu o quê? Diga depressa!
- _ É que o Alexandrino bateu, esta noite, com um peixe-boi nos homens. E eles gritaram...
- _ Bateu?
- _ Abriu a porta e, no escuro, sem que os homens soubessem quem era, zás! zás! zás!
- _ Isso é capaz de não ser verdade...
- _ Não é verdade? Vá à cozinha. Está lá o peixe-boi cheio de sangue. O Alexandrino bateu até fazer sangue. (...) ²⁴⁵

Tiago presenciou todas essas agressões e mostrou-se revoltado com o tratamento dado a seus colegas de trabalho – os salários não são pagos devidamente e os seringueiros ficam presos ao seu senhor como escravos, impedidos de deixar o local e quando resolvem que sair dali é melhor, são capturados e espancados assim como ele foi tantas vezes.

O tema da escravidão, retomado nessas passagens, incita dois tipos de revolta: Alberto fica colérico, irado, inconsolável ao ver os seringueiros naquela situação e chega a ficar com raiva de Tiago que, por sua vez, reage inicialmente como se nada tivesse acontecido, porém essa sua calma é apenas disfarce para a revolta contida que ele guardava.

Após todo o sofrimento que vivera no Maranhão durante a escravidão, Tiago não suportou quando o seringalista o fez reviver as memórias do pior período de sua vida e tomou uma atitude jamais imaginada, mas que mostrou sua resistência ao que ele considerava inaceitável: ateou fogo ao barracão e matou o coronel Juca Tristão, a quem

²⁴⁴ Castro, op., cit., 1977, p. 273-274.

²⁴⁵ Castro, op., cit., 1977, p. 276

sempre demonstrou tanto zelo e carinho. “- Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair...”²⁴⁶

Essa revolta marcou definitivamente os sentimentos de Tiago e mostrou que apesar do carinho nutrido pelo patrão, o sentimento de liberdade falava mais alto:

Humilde na sua serenidade, o olhar baixo, como que alheio à cólera que o alvejava, Tiago murmurou:

- Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura...

(...)

- Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade como negro velho. Eu é que sei.²⁴⁷

Assim, Tiago apresenta-se como o personagem mais intrigante e intenso de *A Selva*. No início ele parece ser um homem conformado com sua condição, assim como os outros, e que apenas sente-se amargurado por sua condição de ex-escravo. Porém, o que ele tem é uma revolta latente que explode assim que ele se depara com as marcas da escravidão na pele dos seus companheiros, pois para ele “negro é livre! O homem é livre”.²⁴⁸ Porém, para *Alberto*, o olhar presente de *Ferreira de Castro*, o ato de *Tiago* não é sinal de resistência, do inconformismo sobrepujando a subserviência, mas da “barbárie” que caracterizava a região e as pessoas que nela viviam, desprovidas de “humanidade” e de “civilização”. Resultam daí, seus tormentos e pesadelos, ante a ideia de retornar para as “trevas” daquele “presídio”.

²⁴⁶ Castro, op., cit., 1977, p, 285.

²⁴⁷ Castro, op., cit., 1977, p, 286

²⁴⁸ Castro, op., cit., 1977, p, 287.

CONCLUSÃO

Desde o primeiro momento desta pesquisa, muitas indagações surgiram a respeito da real presença de negros na Amazônia e do modo como eram retratados. Muitos indagavam: mas existem negros na Amazônia? Essa resposta foi dada a partir da análise dos três romances estudados: *Seringal*, *Terra Caída* e *A Selva*. Os negros estavam lá, sempre estiveram.

O que ficou marcado para nós dessa presença, a partir, claro, da visão dos romancistas, foi o modo estereotipado com que os negros eram tratados. Reconhecemos que, além dos negros, os demais personagens que ocupavam o lugar de empregados ou seringueiros eram vistos também como sujeitos marginalizados.

Durante a leitura e análise dos romances, foi possível perceber o quanto os negros foram representados de modo inferior em relação aos demais personagens, os que ocupavam uma posição de prestígio dentro da lógica social dos seringais. Além disso, nas três obras, a floresta é descrita com uma grandiosidade que abafava qualquer resquício de reação e que, por esse motivo, acabava sendo uma espécie de personagem principal dos romances.

Seringal, *Terra Caída* e *A Selva*, foram, para nós, romances que repetiram as fórmulas da representação do homem e da região amazônica de forma estereotipada e repleta de preconceitos, principalmente, com relação ao negro. Além disso, consideramos que o olhar depende de quem vê e, por esse motivo, a ótica dos romancistas e seus conhecimentos de mundo influenciaram sobremaneira os caminhos dos textos. Olhamos para as obras com a perspectiva de compreender a presença e a forma como o negro é pensado/tratado não por uma determinada literatura de expressão amazônica. Nessa direção, devemos concordar com Said, para quem “cada texto tem seu gênio próprio”²⁴⁹ e

²⁴⁹ Said, *Cultura e imperialismo*, 1995, p. 104

esse gênio não pôde ser camuflado pelo silêncio ou omissão de discursos e análises dessa natureza.

Consideramos que a imagem criada pelos autores dos romances são apenas representações que refletem suas visões e seus projetos históricos nesse mundo. Jamais a imagem dos negros que viveram na Amazônia e, a partir desta conclusão, constatamos que existem possibilidades identitárias muito além daquelas que foram sugeridas/construídas pelos romancistas.

Essas possibilidades se apresentaram através de personagens que não se calavam diante de ordens do patrão, com aqueles que por meio da violência mostravam sua forma mais audaciosa de resistência e aqueles que no extremo da revolta com a máscara que lhe foi imposta ateavam fogo e matavam. Longe da apatia e da pura submissão, eles mostraram durante as obras que a soberania dos coronéis não apagava as marcas de seus corpos, suas crenças, suas atitudes e, especialmente, seus sonhos.

Nossa intenção neste trabalho nunca foi construir uma ideia pronta e acabada a respeito dos negros da Amazônia, mas compreendê-los como participantes ativos das práticas sociais que se desenvolviam no contexto estudado.

Muitos trabalhos tratam deste tema, mas de modo mais geral. A literatura que versa sobre este assunto especificamente não é abrangente o suficiente para termos uma visão global sobre o tema. Ser negro dentro dos romances também não é fácil, embora possamos perceber que é mais fácil encarar os desafios do ser dentro da literatura que na vida real.

Para nós, a dinâmica que envolve os mecanismos de exclusão do negro pelo não-negro – apesar de considerarmos o termo incompatível com a origem afro-descendente do povo brasileiro – ultrapassa as questões históricas e entra no campo afetivo e familiar, uma vez que conviver com esse preconceito nem tão velado, tornou-se rotineiro para nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras**. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Corpos sem Fronteiras**, In: Projeto História – 25 – Corpo & Cultura, 2002.

BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da batalha da borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. 3ª reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BARROS, Leopoldina Leitão de. **Uma visão de romance histórico em Coronel de Barranco e A Selva**. Rio Branco, 1991. 107 p. Dissertação (Literatura da Amazônia) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.

BOSI, A. **Céu. Inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. Lisboa: Imprensa Lucas & Cia, 1977.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. **Capital e trabalho na Amazônia Ocidental**: contribuição à história social e das lutas sindicais no Acre. São Paulo: Cortez; Rio Branco, AC: Universidade Federal do Acre, 1992.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Um Paraíso Perdido**: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Rio Branco: Tribunal de Justiça, 2003.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERRANTE, Miguel Jeronimo. **Seringal**. Rio Branco: UFAC/FUNDAPE, 2003.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de A. **Quando o corpo é o manuscrito**: marcas de escravos no Brasil. In: A historiografia literária e as técnicas de escrita. (orgs.) Flora Sussekind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e trad. De Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

_____. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. Tradução de Célia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Traduzido por Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **Identidade cultural na pós-Modernidade**. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0 – Dezembro de 2002. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. In: O manifesto comunista 150 anos depois. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

MARTINELLO, Pedro. **A batalha da borracha na segunda guerra mundial**. Rio Branco: EDUFAC, 2004.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MELTZER, Milton. **História Ilustrada da Escravidão**; Traduzido por Mauro Silva. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MOTA, Sílvio Romero. **Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX**. 2000.

PORRO, Antonio. **As crônicas do Rio Amazonas** – tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1992.

POTYGUARA, José. **Terra caída**. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1986.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Revista Estudos Avançados. São Paulo: USP, 2004.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**, In: LEHER, Roberto & Setúbal Mariana (Orgs.). **Pensamento Crítico e Movimentos Sociais: diálogos para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. 5. ed. Manaus: 2001.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**; traduzido por Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lílian Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Laélia Maria Rodrigues da. **Acre: prosa & poesia 1900 – 1990**. Rio Branco: UFAc, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. – Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA JÚNIOR, **As representações do corpo no universo afro-brasileiro**. 2002

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. 2.ed. São Paulo: Marco Zero, 1994.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 3, n. 6. Ed. CAT Torres, 1990-96.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. Publicações Europa-América: Biblioteca Universitária, 1955.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta – alto Juruá, Acre – 1870-1945**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)